

A low-angle photograph of a woman with her head tilted back, looking up at a dense canopy of green trees. She is wearing a white t-shirt and several bracelets on her right wrist. Her right arm is raised towards the sky. The background is filled with sunlight filtering through the leaves.

***Por onde o amor  
poderá nos levar?!?***

***(uma filha do coração)***

**Élide Soul**



Aos meus filhos...  
às minhas netas...  
aos meus pais...  
e ao meu amor,  
o homem com quem aprendo, diariamente,  
o real significado em sentir-se amada...  
em sua mais ampla concepção!!  
Nem sempre as histórias se perpetuam  
da forma que idealizamos;  
pessoas entram e saem de nossas vidas,  
muitas vezes, sem quaisquer explicações...  
simplesmente partem!!!  
Mas com toda a certeza:  
cada uma delas deixam um pouco de si,  
e levam um pouco de nós!!!  
Por todo aprendizado que  
cada um de vocês me disponibilizam:  
minha gratidão a todos!!!  
E, acima de tudo:  
gratidão a esta inteligência superior que a todos nós rege.  
Se não fosse assim, já não estaria mais aqui...  
Élide Soul



## Prefácio da autora

*“Filhos do coração..  
filho postiço..  
filho adotivo..ADOÇÃO.  
“Você não foi gerado em minha barriga,  
mas sim em meu coração!!!”*

A adoção é mais do que necessária em uma sociedade, como a nossa, onde as diferenças de oportunidades acontecem de forma gritante: ausência de programas em prol do controle de natalidade e falta de recursos básicos para as famílias menos favorecidas, que geram filhos sem quaisquer condições para sustentá-los e educá-los, para a formação de um cidadão do bem e respeitado.

**M**as, até que ponto os Seres Humanos estão prontos para trazer para o seio de sua família, uma criança que não tenha laços consanguíneos, que não foi gerada no ventre de um membro deste núcleo?

**A**té que ponto as adoções são feitas para a promoção da troca de amor, dos aprendizados já obtidos em continuidade daquela mãe ou pai e não simplesmente para uma resposta às cobranças da sociedade, da lacuna que, sem filhos, não se consegue preencher; do sobrenome que não se conseguirá perpetuar?

Até que ponto uma criança a ser adotada e inserida em um núcleo familiar, tem seus direitos e sentimentos respeitados por todos os membros da família, onde a ação e inclusão são igualitárias?

Porque uma adoção não resolverá o problema de uma criança carente ou abandonada, se este ato não for totalmente permeada por uma imensa dose de amor e respeito aos sentimentos e diferentes formas de agir, deste ser.

As crianças disponibilizadas para adoção, ao serem inseridas em novos lares, levam como anexo, uma bagagem chamada REJEIÇÃO: rejeição na gestação, no parto, no nascimento... enfim, em algum momento aquela criança foi rejeitada pela família de origem, pela família biológica.

Então, se a família que pretende adotar esta criança, não tiver uma dose maior de entendimento para saber administrar todas as dificuldades e limitações que virão juntamente com este ser, muitos problemas poderão existir, os quais poderão contribuir no adoecimento das emoções desta criança e até mesmo dos pais adotivos.

---

É nesta “vibe” que viajaremos pelos acontecimentos da minha trajetória de V.I.D.A., cujos relatos provocarão um novo olhar humanitário em relação à adoção.

Mas minha intenção vai muito mais além disso: o que realmente almejo é abrir uma discussão com cada uma das pessoas que embarcarem nesta viagem, proposta por uma filha do coração, e tentar entender:

**“Por onde o amor  
poderá nos levar?!?”**

## ***Aqui chegamos sós...***

Mas enquanto pequenos,  
sós ficamos quase nunca...

Necessitamos do carinho, dos cuidados, do aconchego!!!

Do amor de quem optou por direcionar nossos passos...

seja esta pessoa a mãe, a tia, a avó.....seja lá quem for!!!

E neste colo, fortalecemos nossa estrutura emocional...

o nosso caráter...o adulto que seremos no amanhã!!!

Pena que um dia, a vida nos mostra a porta da rua...

dando-nos a entender, que este é o caminho a seguir...

E a partir daquele momento,

a vida passa a ter um outro sabor...

muitas vezes, sem direito a colo, carinho, cuidados...

como aqueles que recebíamos enquanto pequenos... Apresenta-

se de forma enrijecida...

e nem nos questiona se realmente estamos prontos,

às tantas situações

que jamais poderíamos imaginar, vivenciar...

**“Por onde o amor poderá nos levar?!?”**

*“Somos assim:  
borboletas a voar através das asas da nossa imaginação.  
Tudo podemos, mesmo dentro dos limites do ser humano!  
E assim, promovemos nossas transformações internas,  
de galho em galho, de metamorfose em metamorfose;  
da mente ao coração!!!”  
(autor desconhecido)*

### **Começando do começo..**

Desde que nasci, sempre me achei inferior perante aos outros; por mais que a vida me desse sinais de que eu era diferente e poderia me destacar, eu nunca acreditei nisso de verdade. Sempre ouvia frases com elogios, mas jamais acreditava ser merecedora de tais méritos.

Ainda pequena, me destacava para o lado artístico: dançava muito bem, cantava muito bem, declamava muito bem, interpretava muito bem e escrevia muito bem também.

Mas nada disso nunca fora suficiente para eu me sentir feliz, plena, realizada; nada me atingia em sua plenitude.

Eu nunca acreditava e muito menos mantinha minha autoestima elevada; tinha sempre algo que ficava faltando para me sentir realizada.

Havia internamente uma auto-rejeição que acreditei, por muitas décadas, que jamais me destacaria em algo, muito menos seria merecedora de amor, alegria e realização, em sua maior concepção.

Havia uma mania de perseguição que eu sentia das pessoas, em relação à mim: parecia que todos sempre me olhavam com piedade, e o que me faziam, soava falso; soava como se fosse um favor enorme que estavam fazendo para preencher uma lacuna existente dentro de mim.

Mas, internamente, eu me questionava: *"que lacuna é esta?!?"*

Mas tudo isso tem um porquê e está intrinsecamente ligado ao momento do meu nascimento, aquele que, até hoje, não tenho como verdade absoluta. A versão que me chegou: fui rejeitada pela minha mãe biológica e colocada para adoção.

Imediatamente recebida pela minha mãe adotiva, horas após meu nascimento, ainda no hospital.

Desconheço os reais fatores que contribuíram para que minha mãe biológica tivesse tido esta atitude.

Prá falar a verdade, isso já nem mais é tão significativo para mim pois, seja lá o que quer que tenha acontecido, só poderia saber através da mãe adotiva....e ela já partiu para o plano superior e sem qualquer explicação...

Tudo o que souber pela boca de outras pessoas, será o entendimento de quem não fazia parte do contexto e ficará baseado na interpretação pessoal de quem estiver narrando a história; não necessariamente da real forma dos acontecimentos.

Porém, o que realmente ficou de toda essa história, que se "agarrou em meu tornozelo", pesando demais todos os meus dias e por muitos e muitos anos da minha vida, foi o sentimento de rejeição, até muito pouco tempo atrás... quiçá, em determinadas situações, até hoje!!!

Prá falar a verdade, ele ainda se faz presente em alguns momentos, principalmente os que desencadeiam esse padrão, como o fato de me sentir colocada de lado, sem explicação aparente. E o que é mais engraçado, no momento seguinte que isso acontece, há um disparo inconsciente, como se fosse um "toque de recuar", um sinal de alerta, que me afasta do que ou de quem quer que seja, para que, de forma inconsciente, eu me proteja e não me decepcione mais.

.....

Descobri que era filha adotiva aos 16 anos.. naquele fatídico dia em que minha mãe perdeu a irmã em função de uma Leucemia. Já já descreverei mais detalhes...

E naquele momento, me senti totalmente traída pela vida...no papel de minha mãe. Meu pai já havia falecido e, para mim, ela era a maior responsável por esta mentira que havia desmoronado a minha vida...

Uma vida se passou e eu não consegui perdoá-la totalmente....

Em julho de 2015 ela partiu para outro plano....e as muitas interrogações que sempre permearam a minha vida, continuam de mãos dadas comigo....

Hoje, em um olhar mais adulto e sem tê-la mais por perto, olho para trás e me dou conta: por causa desse meu sentimento interno, desta minha situação mal resolvida, muitas coisas não deram certo em minha vida.

E só hoje sei, o quanto a responsabilizei por muitas coisas que eu não consegui superar ou resolver, a ponto de não ter tido condições de manter um relacionamento normal ou estável com ela.

Fui absurdamente julgada pela família dela, dos quais, jamais um membro veio me questionar o porquê do meu comportamento, em relação à ela; apenas não aceitavam minha limitação em ser uma filha mais carinhosa com ela e, aos poucos, foram me excluindo do convívio familiar; aquela mesma família que fui ensinada, desde pequena, a respeitar e amar como minha!!!

Por tudo isso, durante muito anos, levei uma vida muito só, onde minha família se restringiu aos meus filhos e mais nada. ...e até mesmo, em relação a eles, houve a existência da tal distância...

Aprendi, no decorrer de minha trajetória, que só conseguimos oferecer ao outro, o que temos dentro de nós...o que aprendemos no seio familiar!

Infelizmente, em minha primeira infância, não vivenciei o amor dentro da minha casa: eram brigas diárias e muito desrespeito entre meus pais.

E tudo isso contribuiu em muito para que eu levasse uma vida de forma individualista, sem valorizar os laços de família; sentia muita vergonha daquela situação.

E mais: a minha mente era um poço de desconfiança generalizada em função do quanto me sentia traída por minha mãe, desde os meus 16 anos. E não conseguia acreditar que era digna de ser amada e conseqüentemente, valorizada, respeitada ou priorizada.

O meu nível de insegurança era tamanho que, até poucos anos atrás, eu desconfiava de qualquer conversa em que eu não estivesse inclusa, até mesmo ao telefone, a ponto de achar que seria algo contra mim e que, nos próximos instantes, eu seria abandonada.

E este foi o atalho para que uma síndrome do pânico se instalasse em mim, acompanhada de uma depressão velada... Mas este assunto, também é papo para mais tarde....

***“Jamais ajude uma borboleta a romper o casulo;  
pode ser que ela não esteja pronta para voar!!!”***

Meu Pai já havia partido há pouco mais de um ano; mas para minha mãe, em meu ver e naquele momento, não havia ligação maior do que suas irmãs; ela jamais as decepcionaria. Mas eu não conseguia entender o que aquele sentimento significava: como uma filha única, não tinha irmãs.

Uma de suas irmãs mais novas estava com Leucemia e em estado terminal. O quadro já era tão grave que a família a chamou para visitá-la no hospital, cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo. E prá lá ela foi; fiquei sob os cuidados de uma vizinha querida, Marleninha que, naquela época de minha vida, sempre estava presente em meus dias.

Minha tia veio a óbito e, na companhia de um primo mais velho e sua esposa, viajei para o interior, para participarmos do funeral. Quando lá cheguei, minha mãe estava muito abatida, mas muito reativa também: ela não conseguia aceitar a perda da irmã. E como eu já conhecia a forma explosiva dela em situações adversas, como a filha única comportadíssima que era, optei por me manter quieta e, de preferência, distante.

Incrível lembrar da sensação que permeava aquele momento: parece que algo já gritava dentro de mim sobre a ausência de vínculos consanguíneos; mas era apenas uma sensação que eu não sabia entender, muito menos explicar. O tempo foi passando, lento como em todos os velórios e eu resolvi andar um pouco: saí de um jardim que havia à frente do cemitério e fui até a sala do velório; mas jamais poderia imaginar que, aqueles instantes seguintes seriam divisores de água em minha vida...

Quando adentrei na sala, já levei um susto: minha mãe partiu para cima de uma mulher, com a voz muito alterada, e eu não consegui entender absolutamente nada. Mas no primeiro momento, pensei: Ela deve estar sofrendo muito com a perda da irmã...

Ver a minha mãe com a voz alterada, era muito familiar para mim. Meu pai era alcoólatra e as brigas e discussões inflamadas, faziam parte do nosso dia a dia. Naquele exato momento, com minha mãe muito alterada, senti uma mão segurando em meu braço, puxando-me para fora daquele ambiente. Era a esposa do meu primo. Ela me puxou para um banco, naquele jardim à frente do cemitério e me fez a seguinte pergunta: *“Você viu o que aconteceu?”*

Claro que respondi que havia visto e que estava com pena da minha mãe, porque ela deveria estar sofrendo muito com a

perda da irmã.

Mas ela continuou: *"A culpa é sua..."*

E claro que retruquei:

*"Minha culpa?!? ...eu estava quieta aqui do lado de fora, não fiz nada, não falei uma única palavra..."*

E ela retrucou:

*"Você não ouviu o que aquela mulher havia perguntado para a sua mãe?"*

E claro que respondi que não havia ouvido nada.

Mas ela continuou....

---

E talvez, quero eu acreditar desta forma, jamais imaginou que aquela borboleta não estava com suas asas totalmente desenvolvidas para sair do casulo e ter autonomia para voar...

***Por onde o amor pode nos levar?!?***

## ***Sentimentos de uma “filha do coração”...***

Meu pai faleceu de cirrose alcoólica, quando eu tinha 14 anos. Em função do alcoolismo dele, tive muito pouco contato com sua família.

Com a família de minha mãe, sempre “corri” atrás, pois moram há quase 500 km de distância e visitava-os com frequência, principalmente em minha infância e adolescência e quando meus filhos ainda eram pequenos: férias, finais de semana prolongados, etc....

Porém, aos poucos, fui entendendo que tudo não passava de um enorme favor para ela (minha mãe); me recebiam e conviviam socialmente comigo, por causa dela; mas eu não fazia parte da ligação consanguínea que eles tem.

E isso me fez entender porque sempre me sentia rejeitada: parece que todos que por lá circulavam, sabiam que eu era uma filha adotiva e que não fazia parte daquela família.

Jamais esqueci ou esquecerei uma frase de minha mãe que sempre fez parte dos meus dias:

*“Tal pessoa é ‘sangue do meu sangue’ e eu tenho que fazer ‘tal coisa’ por ela!”*

Esta frase, cada vez que ela pronunciava, me dilacerava internamente; mas ela jamais entendeu o quanto me machucava ao proferir esta constatação.

E foram muitas frases desta... e muitas atitudes que eu, enquanto jovem, não conseguia administrar internamente.

O que eu presenciava durante o período em que mantinha um convívio mais próximo com todos, até os meus 40 anos, (pouco tempo após o término do meu casamento), era que uns ajudavam aos outros, independentemente da situação ou do grau de erro ou acerto de cada integrante da família.

Mas comigo, sempre havia um “senão”, um julgamento prévio... e claro, um NÃO, muito bem pronunciado, nas pouquíssimas vezes em que resolvi pedir ajuda.

Como em todas as famílias, na dela havia pessoas com as mais diversas características: alcoolismo, prostituição velada, homossexualismo, usuários de drogas, empresários quebrados, empresários bem sucedidos, até mesmo alguns que chegaram a ser presos... enfim, Seres Humanos como em todas as famílias. Mas todos eram respeitados e ajudados, sempre que necessário, sem sentenças, sem julgamentos que pudessem interferir em reabilitá-los dos passos equivocados que pudessem ter dado!

Mas comigo sempre foi diferente: esta disponibilidade de ajuda, aquela base da família que nos faz sentir amparados, seja lá o que esteja acontecendo em nossas vidas, jamais aconteceu na minha, muito pelo contrário:

não importava o que eu sentia; o que realmente era levado em consideração era o impacto que eu estava promovendo nas crenças deles e de forma irrestrita!

Um dos últimos momentos que tentei me aproximar deles, em um período de férias, foi logo após o aniversário de 15 anos de minha filha. Eles foram convidados para a festa; mas nenhum deles compareceu. E quando lá estávamos, assistindo ao DVD da festa, um comentário surgiu mais ou menos assim: *"Você foi muito 'burra' em terminar o seu casamento; um marido como aquele, você não vai encontrar nunca mais!!!"*

Como assim?!?...Ninguém jamais se interessou em saber como era o meu casamento, nas entrelinhas...como poderiam julgar o que seria melhor ou pior para a minha vida?!?

E foi naquele momento que eu disse: CHEGA!!!!... não preciso disso em minha vida!

Mas confesso que sofri muito e senti muita falta deles, porque eu os tinha como meus familiares; considerava meus primos e primas, como os irmãos que não havia tido...

...e acabei por me afastar de todos... como se eu jamais tivesse feito parte daquele núcleo familiar...

Mas, após algumas situações e minha derradeira decisão, descobri que para eles, a recíproca não era verdadeira. Hoje tenho certeza de que não os tinha mesmo!

Porque, em minha concepção, família é aquele pedacinho da vida da gente, que se faz presente, que se importa com o que estamos passando, e que também compartilha conosco o que se tem de bom e de ruim.

Família visita... família cobra... família comemora... família acolhe... família discute... família sente ciúmes... família disputa... família se afasta.... ...e família apaga o que quer que seja que tenha acontecido...

Porque o amor, em tudo isso que citei, é sempre muito maior do que qualquer problema ou desavença que possamos ter...o perdão sempre existe, aconteça o que acontecer!!!

E o amor vence tudo; até mesmo a distância ou as diferenças.

Mas eu não era “sangue do sangue” deles.....

E talvez, como sempre senti, não era digna de ser amada..... ...ao menos por eles!

E o pior de tudo isso, é que passei a acreditar nesta máxima:

**"Eu não sou digna de ser amada..."**

E vocês não podem imaginar, o quanto esta crença interna, contribuiu para eu destruir a minha vida; ao menos parte dela!!!

Mas não poderia deixar de registrar aqui, algumas pessoas da família de minha mãe que sempre levo em meu coração:

1. a família do meu primo Wladimir: Rute, sua esposa, com quem despertei a vontade de aprender a cozinhar e com seus filhos Lygia e Júnior, os quais me despertaram a deliciosa vontade em me tornar mãe, um dia;
2. a família do meu primo Milton: Edmeia, uma saudosa amiga para todos os momentos; Juliana e Camila, minhas eternas "filhas adolescentes";
3. meu primo Júnior (in memoriam): se foi tão cedo e o guardo até hoje em meu coração;
4. minha prima Nelly: deliciosas lembranças de férias e muitas risadas juntas; uma irmã mais velha;
5. Minha prima Margareth e sua mãe Kita; 'Marga', com certeza, foi a irmã que não tive e tia Kita influenciou em muito na formação do meu caráter e criação dos meus filhos;
6. minha tia Iraci: minha primeira referência como mulher; enquanto adolescente, queria ser como ela;
7. Tia Aladir: uma mulher forte; sempre a admirei muito, Mas a recíproca nunca foi verdadeira;
8. Tio Dirceu e tia Tininha: partiram muito cedo; mas os guardo com muito carinho, nas memórias da minha infância.

## **A maioria não está na idade e sim nos sentimentos...**

Meus primeiros dezoito anos não foram nada fáceis, emocionalmente falando: um pai alcoólatra, uma mãe adicta, muito “mal amada” e explosiva, porém presente e exigente em minha educação.

Por mais alegre que eu transparecesse, havia uma tristeza interna muito grande e presente, que já se caracterizava como início de uma depressão, mesmo que isso não fizesse parte dos diagnósticos da época.

Difícil era me sentir amada o suficiente, por quem quer que fosse. E se chegasse perto disso, a decepção viria à galope: era eu acreditar em alguém, nos mais diversos tipos de relacionamento, seria decepção na certa!

Confesso que hoje, em alguns relacionamentos, ainda não é muito diferente....

E foi assim como filha, como amiga, como profissional, como namorada, como esposa, como nora, como cunhada, como mãe, e como mulher. Foi sempre assim: bastava eu acreditar muito, querer muito, a “vida” me dava uma rasteira e tirava de mim o que eu mais queria no momento, o que eu mais desejava: me sentir amada e respeitada!!!

Parece que nada era para ser lícito em minha vida!!!

Comecei muitas coisas, infinitas coisas tais como: cursos, trabalhos, especializações, empresas, projetos, etc.

Mas nada era lícito: parava sempre no meio do caminho pois não acreditava ser suficientemente capaz para me destacar ou mesmo ser bem sucedida nisso ou naquilo. Mas o lado bom é que eu sempre me destacava, mesmo que não me desse conta! E sempre achei que a responsabilidade era de minha mãe, jamais minha!

Sempre acontecia algo em que batia de frente com minha menor valia, com minha inferioridade interna e ainda, sempre atraía pessoas, em minha vida, que da pior forma, me faziam acreditar que eu realmente era inferior e menosprezavam a minha forma de ser...e me humilhavam ... e me diminuía...

E o pior de tudo isso é que eu me deixava levar pela forma com que as pessoas me tratavam, porque eu me tratava dessa forma: eu me colocava no pior lugar, me fazia de vítima e queria chamar a atenção das pessoas da pior forma possível. E, na maioria das vezes, o que eu conseguia, era afastá-las cada vez mais e mais....

E nunca havia alguém que presenciasse isso, ou mesmo que me defendesse, da forma que eu tanto idealizava!!!!

E isso era uma das coisas que mais me fazia sofrer: ninguém para me defender!!!

Eu queria me sentir amada....eu queria ser defendida... eu só sabia reconhecer o amor através das pessoas que não me abandonassem, que ficassem ao meu lado incondicionalmente.

Mas isso jamais acontecia, nem mesmo com as pessoas que julgava ser as mais próximas e importantes em minha vida.

E se eu comentasse com quem quer que fosse, mãe, marido, etc.... que alguém estava me tratando desta ou daquela forma e que isso era proposital e que estava me magoando muito, não tinha a credibilidade idealizada e, para meu maior sofrimento, sempre escutava que tudo era fruto de minha imaginação.

Certa vez, uma pessoa que prefiro não citar o nome, disse que não queria o meu convívio com seu filho, uma criança muito doce e que me amava muito; adorávamos estar um na companhia do outro. Sempre adorei crianças e esta, era muito especial em minha vida. E esta pessoa completou:

*“Você foi achada no lixo quando nasceu.... e é prá lá que você deveria voltar; eu não quero um tipo de pessoa como você, ao lado do meu filho!”*

Essa criança fazia parte de minha família, de uma família que aprendi a amar por opção mas que, logo após esse episódio, descobri que este amor também era unilateral, que vinha só da minha parte.

Cheguei até a comentar essa frase “mal dita”, com o meu marido na época e até mesmo com minha mãe. Mas nenhum dos dois me deram credibilidade e, dias depois, presenciei minha própria mãe, no telefone da minha casa, com essa pessoa, parabenizando-a pelo seu aniversário.

Passei muitos anos acreditando nisso, que realmente havia vindo do lixo e sofrendo mais ainda....e sempre, calada!

Não houve sessão de terapia, por mais diferentes que fossem as propostas oferecidas, que me fizessem acreditar que eu não fazia parte de um lixo qualquer ou que recuperasse a minha autoestima.

A única coisa que demorou muito para eu descobrir e me dar conta é que, não eram as pessoas que faziam isso ou aquilo comigo; era o meu padrão interno e pessoal que atraía esse tipo de situação para os meus dias, para a minha vida. Era eu quem permitia que isso acontecesse, pois desta forma, eu alimentava a vítima que decidi ser, desde pequena, inconscientemente. Era a única forma que conhecia para ser amada, despertando a pena nas pessoas, mesmo que de forma inconsciente e velada: *“Tá vendo....eu sou uma coitada....olha como a vida me trata....eu preciso do seu amor...me ame...por favor...!!”*

Hoje, eu olho para trás e vejo que essa era a minha frase preferida...mesmo que não fosse pronunciada; mas era percebida, como mensagem subliminar!!!

Uma frase interna e inconsciente que permeava todas as minhas relações; pano de fundo para a minha vida: despertar a pena nas pessoas era o que eu sabia fazer com maestria.

Eu tinha sempre a sensação de que a “vida” jamais me retornara de acordo com o meu plantio.

Mas sempre ouvia elogios de “A” à “Z”:

☐ Alto astral,

☐ Bom papo e muito bem informada,

☐ Cheirosa,

☐ De bem com a vida,

☐ Elegante,

☐ Fina e muito bem educada,

☐ Inteligente,

☐ Ótima cozinheira,

☐ Prestimosa....(que cuida bem da casa e da família),

☐ Sabe se comportar onde quer que esteja..

☐ Zelosa

.....

Mas tudo isso aí, e muito mais que eu sempre ouvia, não era suficiente para não me decepcionar com as pessoas, muito menos para me fazer sentir amada verdadeiramente.

Eu sempre tinha a impressão de que a semente que eu plantava era podre, porque jamais germinava algo que eu pudesse colher com qualidade e que me alimentasse de forma plena e satisfatória.

Difícil mudar este padrão interno, ainda mais vivendo de forma tão solitária, mesmo com tantas pessoas ao redor...

.....

Será que não tem algo, aí na sua vida, que também está sendo o pano de fundo para suas atitudes e padrões mentais, de forma inconsciente e que você, sem perceber, passa para as pessoas e nunca colhe, o que julga merecer?

O que se faz quando as pessoas não conseguem nos ver da forma que gostaríamos que nos vissem?!?

Como mudarmos a imagem que formaram sobre nós, mesmo que não se tenha mais nada a ver com isso?

Como que a gente age para dizer para os que nos cercam, que não estamos mais aguentando a forma como somos tratados, que precisamos ser respeitados, amados, valorizados, compreendidos, priorizados... que não somos invisíveis...?!?

Como que se faz isso?

E como devemos agir, quando não estamos mais aguentando essa carga tão pesada que não suportamos mais carregar, que está pesando demais e que estamos há um minuto da implosão? Como e com quem aprendemos que o outro não importa para nós, que não precisamos da aprovação e do amor deles, que somos suficientes para viver, mesmo que sozinhos, mesmo que sangrando por dentro e em um nível de carência em grau máximo?

E como devemos agir, quando a tristeza, a solidão e a descrença toma conta dos nossos dias, dos nossos sonhos, dos nossos planos, da nossa vida?

Até quando conseguimos sobreviver em contato com a tristeza e a infelicidade, a cobrança e a rejeição e principalmente o julgamento, e seguirmos produtivos, entusiasmados e saudáveis, no físico e nas emoções?!?

.....

Durante muitos anos da minha vida, tive tantas perguntas mais e tantas dores para serem partilhadas...

Mas não havia ninguém que eu confiasse verdadeiramente, que eu me sentisse à vontade para gritar, chorar, e pedir:

*"Pelo amor de Deus...me ajuda...me dá colo!!!"*

Até que chegou o dia da constatação, da pior forma que poderia acontecer: **DEPRESSÃO PROFUNDA!!!**

E não houve, sequer, um único SER nesta face da Terra, que me olhasse e percebesse o quão mal eu estava e do quanto eu necessitava de ajuda, de presença e de muito amor!!!

E anos depois encontrei um relato daquela época, escrita em um folha de caderno...talvez, um prenúncio do que estava para acontecer:

*“Estou tentando fazer tudo o que conheço para não me entregar a isso...mas sei que 'isso' já se instalou aqui dentro. Sinto-me desmotivada e de novo, com pensamentos muito desanimadores; sem contar os destruidores....*

*Sinto-me um "E.T.", aqui no meio dessas pessoas que convivo.*

*Sinto como se fosse um Ser estranho, falando outra língua, priorizando outras coisas; não consigo atingi-las, não consigo me fazer entender....*

*Será que se eu morresse, eles sentiriam a minha falta?*

*Será que tem alguma coisa que vem da minha parte que realmente acrescenta na vida deles?*

*O que eu sou?*

*Que valores são esses?*

*O que eu represento na vida das pessoas que me conhecem?*

*O quanto eu valho a pena?*

*Será que eu realmente valho a pena?*

*Será que eu não estou ocupando o lugar de alguém que poderia estar fazendo muito melhor do que eu faço...ou tento fazer?*

*Por que tanto sofrimento desde pequena?...*

*Por que tantas provações?*

*Por que tantas marcas...tantas dores, tanto sofrimento e tantas decepções????*

*Por que sempre teve que ser assim?"*

**Por onde o amor poderá nos levar?!?...**

## Renascimento (Parte I)

Abri os olhos e a única impressão era a de estar assistindo um filme. Mas, em meu corpo, muitos fios ligados!

Antes mesmo de tentar me mexer, uma enfermeira, de cabelos loiros e sorriso verdadeiro se aproximou e, em tom firme, mas permeado de muito amor, me disse:

*“Estou aqui para ajudá-la. Você está em uma U.T.I e não pode se mexer de forma alguma! Sofreu um acidente e fraturou a coluna, o tornozelo e o calcâneo; qualquer movimentação poderá comprometer o seu estado.*

*Aqui ao seu lado tem uma campainha; pode me chamar sempre que precisar. Meu nome é Elaine!”*

Não conseguiria descrever o que senti naquele exato momento; talvez uma mistura de medo e alívio, abandono e compaixão, dúvida e certeza... muitos sentimentos embalados por uma única constatação: EU ESTAVA VIVA!

E, a partir daquele momento, teria que me submeter às orientações da equipe da U.T.I.

Mas, como sempre muito curiosa, tentei mexer os pés, bem devagar, sentir minha perna, olhar para um lado, para o outro e constatei: estava em uma U.T.I. hospitalar!

A partir daquele momento, a única coisa que realmente me restava, era olhar para trás. Porque o presente, pela primeira vez, não dependia mais de mim. E o futuro, havia acabado de colocar... nas mãos de Deus!

## **Na superação de limites, o combustível foi a dança...**

Não sei que sintonia era esta, mas a música sempre era a melhor das linguagens. E eu não tinha preferências enquanto pequena: gostava de cantar, dançar ou simplesmente escutar a música. Me encantava com cada acorde e sempre prestava atenção em cada som, em cada compasso.

Tá certo que, através da dança, eu me sentia com a liberdade de uma borboleta e não me importava com quem quer que me olhasse; afinal, eu era criança e a expressão corporal ainda era vista com inocência. Não havia a sensualidade das danças atuais, como o funk por exemplo; era simplesmente dança e pronto. E eu não perdia uma só oportunidade de me expressar através da música.

Meus pais comentavam que, quando viajávamos de trem, para o interior do estado onde moravam meus familiares, minha maior alegria era perceber alguém que estivesse com um violão à tiracolo pois teria certeza de que a música estaria presente. E eu sempre me rendia à música; cantando ou dançando, sempre despertava a atenção de todos.

Era uma criança feliz, com um sorriso encantador, aberto, franco, inocente....uma borboletinha cantora e bailarina!!!

Junto às minhas primas, no interior do estado, me sentia em um misto de alegria e entusiasmo, pois prestava atenção em cada coreografia que a televisão me mostrava e sempre chegava com novidades da capital, tornando-me o centro das atenções dos que queriam aprender a dançar daquele jeitinho. Em cada período de férias, organizava um teatrinho, envolvendo todos os amiguinhos!!!

E como era filha única, onde morava, sempre reunia as amiguinhas vizinhas, para coreografá-los; na primeira oportunidade, convidava as famílias para assistir à nossa apresentação teatral.

Eu adorava produções pois minha imaginação sempre corria solta. Muitos diziam que eu era uma sonhadora... Que bom!!! Com o passar dos anos, foram exatamente estes sonhos que alimentaram qualquer linha tênue entre uma dura realidade e o que a minha alma mais desejava, mesmo não tendo a possibilidade de realizar, vivenciar....

E os anos se passaram, e esta afinidade com a musicalidade nunca se perdeu; muito pelo contrário: sempre encontrei um tempo para me entregar à uma das minhas maiores paixões: a dança!!!

Tornei-me adulta, e dançava...

Tornei-me mãe...e continuei dançando....

Só parei de me apresentar, porque o meu marido era muito ciumento e não conseguia entender esta minha ligação com a musica, sem malícia alguma...apenas paixão!!!

E mesmo assim, a paixão pela dança nunca deixou de existir; sempre dava um jeitinho de dançar, nem que fosse em brincadeira com meus filhos, no clube, na academia.... minha alma necessitava dançar!!!

E após duas gravidez de meninos, tentei uma menina...de tanto que sonhava continuar na dança, através da minha sonhada filha!! E consegui: minha filha respirava música e dança, desde pequena...exatamente como eu!!!

O único sonho que não consegui realizar, até hoje, é dançar com ela em uma coreografia: mãe e filha juntas no palco!!!

E outros tantos anos se passaram, o casamento acabou, os filhos cresceram e a primeira opção feita foi voltar para a dança; enfim, soltar minha alma que há tanto tempo se sentia tão presa.

E com filhos bem maiores, por alguns anos, esta foi a minha maior prioridade: dançava, dançava e dançava....mesmo que não tivesse o entendimento deles!!!

Dançar era primordial para preencher qualquer lacuna aberta, em minhas emoções!!!

Conhecendo pessoas diferentes, tive a oportunidade de aprender novos ritmos, na dança de salão e realmente ser reverenciada pelas pistas por onde passasse.

Pensavam até que eu vivia da dança, como uma profissional; mas jamais qualquer pessoa poderia imaginar que, era a dança que me fazia sentir viva!!!!

E eu me sentia muito orgulhosa: era o alimento que a minha alma necessitava, o combustível para dias não mais tão fáceis de serem vividos....

Mas infelizmente, meus filhos e minha família não conseguiam entender isso; me julgavam e me condenavam, sem mesmo entender o que a dança representava para a minha vida...

É claro que a vida havia mudado muito: novos compromissos e até mesmo uma nova postura, pois agora, por mais independente que eu me tornara, estava sozinha para me manter e a atuação profissional que, no passado era facultativa, agora se fazia necessária.

Infelizmente, por mais que tentasse administrar esta nova etapa da vida, as mágoas e marcas foram, dia após dia, tornando-se mais presentes e uma depressão se instalou de forma contundente.

Toda aquela alegria, já estava submersa em meio a tantas tristezas e lágrimas....

E não houve ninguém de fato que percebesse uma premente necessidade de cuidados, de atenção e de proteção. Não me animava mais, nem com a dança, nem com a música....

E aquele estado depressivo, a baixa auto-estima, e a total desconexão com a presença do amor e da parceria dos familiares em minha vida, me levou a sofrer um acidente: uma queda de altura que prefiro compará-la a um vôo de uma borboleta dançarina sem asas, com partida há cinco metros de altura....

E o primeiro diagnóstico: paraplegia, em função de uma fratura na coluna lombar.

Quatro dias desacordada em estado de choque em uma U.T.I; duas cirurgias, coluna lombar e tornozelo esquerdo; calcâneo totalmente destruído.... e cada vez mais a dança sendo vista apenas como uma distante lembrança.

Distante lembrança???

....qualquer coisa, menos uma distante lembrança..... Isso mesmo...aquele diagnóstico era da medicina e jamais meu; por que teria que aceitar isso como definitivo?

E, por mais inédito que fosse para esta borboletinha dançante, permanecer 30 dias em um hospital, sem poder se mexer sozinha e de forma alguma sair da cama, a alegria que as lembranças me traziam à mente, foi o melhor combustível que poderia ter usado, para atingir a

maior meta que tive em toda a minha vida, até aquele momento:  
voltar a dançar!!!

Isso mesmo, eu não me contentei quando o médico me disse que aos poucos eu voltaria a andar, com a ajuda de uma muleta ou mesmo bengala: retuquei afirmando que voltaria a dançar e de salto alto; simplesmente andar, seria muito pouco!!!!

É claro que a equipe médica não dava muita atenção aos comentários desta mulher ousada e sonhadora....

Mas para mim, fazia muito sentido...

E realmente fez!!!!

## **Sempre em conexão com o “Alto”...**

Quando entrei no centro cirúrgico, para a primeira cirurgia após o acidente, que seria da coluna, o médico havia adiantado ao meu filho do meio que provavelmente, ao voltar da cirurgia, passaria um tempo sem sentir os membros inferiores (pernas). Mas a minha conexão com o Alto e muito provavelmente, o novo pacto que havia feito com ELES, voltando a valorizar a minha vida, independente do que acontecesse externamente, me trouxe um presente em forma de constatação...

Quando acordei na U.T.I, horas após a cirurgia, um dos médicos da equipe tocou uma de minhas pernas e eu consegui perceber que a mão do médico estava muito gelada.

E claro que a sequência deste momento foi uma série de testes feito pelo tal médico, que além de muito emocionado, não conseguia acreditar e entender o como aquela mulher estava sentindo suas mãos frias, pois foram retirados fragmentos da vértebra, na medula: isso já era suficiente para não haver percepção dos membros inferiores.

E era exatamente o contrário que estava acontecendo...como se estivesse acontecendo, um verdadeiro milagre!!!

O médico, muito emocionado, apenas disse:

*“Menina, o que está acontecendo aqui, só posso descrever como um milagre!!! Nos muitos anos em que eu atuo como cirurgião da coluna vertebral, em casos tão complexos e delicados como o seu, isso jamais aconteceu!!!*

*Então, quero lhe fazer um pedido: jamais esqueça o presente que você está recebendo neste exato momento e, principalmente, jamais esqueça a força interna do seu “Ser” para superar, seja lá o que quer que lhe aconteça em todos os dias subsequentes ao dia de hoje!!!!”*

---

E, desde então, jamais esqueci as palavras daquele médico; por mais difíceis que as situações possam se apresentar em minha vida, me conecto ao Alto e peço sua imensa e irrestrita proteção!!!

Mas é claro: não foi nada fácil passar quase seis meses em uma cama; chorei muito, passei dias e dias sozinha naquele meu quarto, com os cuidados alternados de minha mãe, dos meus filhos que, financeiramente, proporcionavam tudo o que eu necessitava, além dos cuidados diários da enfermeira Juliana e da Fisioterapeuta Bianca, após ter recebido alta hospitalar.

Estas duas mocinhas, não eram apenas profissionais em suas áreas escolhidas: naquele momento da minha vida, elas eram dois anjos que Deus havia enviado, para que eu pudesse me recuperar, em um cenário, permeado por muito amor!!!

O cabelo, por opção própria, foi cortado para facilitar os cuidados de higienização. E não foi nada fácil passar por aquele momento, já que sempre usei cabelos abaixo do ombro.

Lembro-me que cheguei a pedir para minha filha estar presente naquele dia, ao meu lado, em meu quarto no hospital...

Mas ela disse: *“Não vou ser cúmplice de algo que você irá se arrepender já já!!!”...*

E borá lá vivenciar mais esta experiência, sozinha....

E em meio a muita emoção, o cabeleireiro que me acompanhava naquela época, foi até o meu leito no hospital e lá, frente à janela da ala da Oncologia infantil, me despedi dos meus cabelos....e na cama, sem poder me mexer...

Lembro-me até de uma funcionária da limpeza, que sempre passava para conversar comigo, que ficou do lado de fora do quarto, olhando de longe para mim, com lágrimas caindo em sua face, de tamanha emoção que sentia, em me ver passando, por aquela situação...

Mas eu jamais desconfiaria, naquele momento, o quanto aquela experiência com o corte dos meus cabelinhos me fortaleceriam no futuro, para um inesperado tratamento oncológico...

**Por onde o amor pode nos levar?!?**

## **Um dia após o outro...SEMPRE!!!**

Os meses foram passando e o meu habitat natural e constante passou a ser o meu quarto, aquele mesmo que havia promovido o tal vôo...

Minhas pernas atrofiaram a ponto de ficar tão finas quanto meus braços; e eu só lembrava do prazer que sentia ao dançar. Então, fiz mais um pacto comigo mesmo: não deixaria de seguir à risca o que os médicos orientassem.

A fisioterapia passiva começou na primeira semana após a cirurgia e o amor e a paciência daquelas profissionais, Bianca e Juliana, eram imensos; eram muito mais que profissionais: eram mensageiras do amor divino...e como eu precisava me sentir amada!!!

Até que aos poucos, as fases foram mudando e chegou o momento de usar colete para reaprender a sentar, pois a musculatura da minha coluna vertebral não sustentava mais o meu corpo: resultado dos músculos em desuso.

E na sequência, cadeira de rodas, reaprender a andar, muletas, bengalas e a rua enfim; fisioterapia diariamente, dentro e fora de casa.

Sempre me lembro que, pelo que havia passado, nunca reclamei efetivamente de dor; até neste ponto havia uma proteção divina.

E os fisioterapeutas que me acompanhavam nas clínicas e hospitais, aproveitavam a minha paixão pela música e introduziam exercícios com base em passos de dança, salsa e merengue por exemplo...e eu me sentia muito motivada desta forma!!!

E o tempo foi passando...e eu não cansava de questionar aos médicos, sobre minha volta às pistas de dança de salão.

Até que este dia chegou: nove meses após meu acidente, fui liberada para voltar a dançar...e onze meses após aquele dia divisor de águas, exatamente no Natal, usei pela primeira vez, um sapato de salto alto: 10 cm!!!

Dá para imaginar a satisfação que esta borboletinha sentiu no primeiro momento em que pode dançar em uma pista de dança? Dancei bolero, forró...até mesmo pagode e zouk. E lá estava eu, com um pouquinho de desconforto na coluna e no pé esquerdo, mas em total conexão com minha alma, que vibrava à cada giro na pista....

Quem me tirou para dançar, nem desconfiava o que eu havia passado até então.

Mas isso não era importante; o que realmente importava é que, pela primeira vez na minha vida, eu tinha superado um dos maiores desafios da minha vida, até então: voltar a andar...e claro...a dançar!!!

Havia uma grande amiga, que me acompanhava nos passeios e nos eventos de dança de salão. Em função da fratura da coluna, fui proibida de voltar a dirigir e meu ir e vir, na noite, sempre estava acompanhada dela: Sol.

Lembro-me que, naquela volta às pistas, ela estava muito tensa, pois temia pelo comprometimento de uma cirurgia tão delicada. Mas ao ver a alegria da amiga(euzinha) na pista de dança, se limitava a observar tamanha satisfação e prazer, no simples ato de dançar...

E hoje, sete anos após aquele vôo de cinco metros, a dança jamais deixou de fazer parte de minha vida, muito pelo contrário: se tiver vontade, danço até mesmo sozinha e dentro de casa...

Porque agora, para mim, a dança tem um outro significado: não mais apenas a conexão com a alma, mas com a vida! Não sei ao certo como explicar, mas descobri uma força interna que todos nós temos e que está à nossa disposição para conquistarmos o que quer que seja em nossa vida: basta nos coligarmos a este canal interno chamado de força de vontade e tudo se torna possível... só depende da nossa decisão e da nossa total entrega.

E eu sigo assim!!!

Pode ser que esta força não se faça presente para tudo o que a vida me trazer ...

Pode ser que em determinados momentos, nem me lembre do quanto tive que ser forte, centrada e decidida para ter superado esta fase e ter voltado a dançar; entendendo-se que para chegar à dança, houve todo um processo de reaprendizado e reabilitação desde o simples ato de sentar até mesmo o de ficar em pé; imagine só reaprender a ter equilíbrio em um salto alto, após ter o tornozelo fraturado e o calcâneo (calcanhar) totalmente refeito?!?

Mas o que realmente ficou de tudo isso, para esta "borboletinha dançarina", foi a descoberta e percepção desta força que se conectou internamente, para reencontrar com a maior das minhas paixões e alcançar meu maior objetivo: simplesmente dançar!!!

.....

E talvez caiba aqui eu lhe perguntar: Você realmente conhece esta força interna que existe dentro de cada um de nós?!?

Você já passou por alguma situação em sua vida, que a vitória só dependia de você como em um esporte individual, um jogo de tênis, por exemplo?

.....

Foi assim que encarei este desafio que a vida me trouxe...foi assim que consegui o meu macht point!!!

*"O saber a gente aprende com os mestres e os livros; a sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes"* (Cora Coralina)

### **Aprendendo com a vida ...e com os humildes....**

E aquele foi um dos períodos mais difíceis, porém mais edificantes de minha vida: quando sofri o acidente e fracturei a coluna lombar e o calcâneo esquerdo. Resumindo, lá se foram quase seis meses na cama, até a liberação do médico para voltar a andar; mais um longo período em torno de 20 meses dedicados à fisioterapia. E a minha vida profissional ficou totalmente paralisada por praticamente dois anos! Mas não a minha mente ou muito menos a vontade de produzir; na medida em que as seqüelas foram distanciando-se do meu dia a dia, a equipe médica me liberava um pouquinho mais para atividades externas; mas ainda não liberada para atividades rotineiras no campo profissional.

E como sou uma pessoa cuja mente jamais se acomoda, mesmo mediante a uma situação como a que passei, resolvi me envolver em trabalhos voluntários, pois assim, teria uma atividade sem rotina diária, mas que com certeza, obteria muitos benefícios pessoais através de um imenso aprendizado. E a "Casa do Serviço" estava de braços abertos para me receber!!! Era (e digo assim pois tal espaço, infelizmente, não existe mais) uma casa localizada na Vila Mariana, em São Paulo,

onde um grupo de voluntários se revezavam para preparar refeições e servir, no horário de almoço, para moradores de rua. E a parte mais interessante era que tal proposta não era ir até os moradores de rua e sim, abrir as portas para recebê-los. Este projeto era uma extensão do trabalho de um grupo espiritualista e o que mais me atraía era a constante preocupação em servir a todos, indistintamente, com imenso amor e respeito, além do trabalho em equipe, claro! Lá não tínhamos sobrenomes, roupas de marcas, carros importados, casas confortáveis, milhas em viagens internacionais, etc, etc.. Tínhamos apenas o amor ao próximo e a vontade de lhes propiciar alguns itens básicos para a sobrevivência de qualquer Ser Humano; necessidades que as suas opções de vida lhes roubara. E isso vinha totalmente de encontro aquele momento de minha vida, o qual eu havia me reencontrado com o amor universal: sentir a vida por um fio e depois ter um primeiro diagnóstico como possível paraplegia, muda em muito a nossa percepção pela vida!!!

Mas já conseguindo ir e vir sozinha, sem ajuda de órteses (muletas, bengalas, etc...) ou pessoas, já era possível fazer parte deste grupo. Isso me trazia a sensação de estar produtiva novamente e da melhor forma possível: através do amor ao próximo!!!!

E para alguém que sempre teve uma vida confortável e permeada por muita proteção, conhecer alguns daqueles seres intitulados "mendigos", foi uma experiência ímpar em minha vida!!!

.....

**Pausa:**

Será que você imagina de onde vem a palavra "mendigo"? Na verdade a palavra "mendigo" foi suprimida de uma expressão utilizada pelas pessoas que recebiam esmola. Trocando em miúdos: foi o famoso "telefone sem fio" da história.

As pessoas que davam esmola falavam: Amém.

As pessoas que recebiam respondiam: Amém digo eu.

Daí MENDIGO.

.....

Mas voltando ....ehehe

Normalmente eu atuava como voluntária naquele espaço duas vezes na semana; mas haviam atividades para eles, moradores de rua, em todas as tardes; e não estou me referindo apenas à alimentação.

O grupo era muito organizado e haviam voluntários para várias áreas: Médicos com especialidades definidas, como Psiquiatra, para um primeiro diagnóstico e possível encaminhamento para hospitais da região. Psicólogos, Terapeutas, Artesãos, Pedagogas e tantas outras formações que se misturavam à grande vontade de promover a

mudança na vida de todas aquelas pessoas.

Diariamente passavam por lá, em busca de alimentação no horário do almoço, mais de 100 pessoas e além da alimentação totalmente gratuita, os que se interessassem poderiam participar das atividades extras, propostas pela casa. A minha função era preparar os alimentos pela manhã e participar do serviço no horário do almoço. Mas tudo era tão intenso que quase nunca eu me contentava com minhas atividades. Então comecei a participar da ARTETERAPIA, proposta muito interessante, de uma Psicopedagoga que, através de atividades lúdicas, com materiais diversos, identificava limitações individuais e, naquele curto espaço de tempo, tentava promover mudanças na forma de caminhar dos indivíduos que se dispusessem a participar das atividades. Era emocionante demais; muitas vezes, lágrimas corriam por minha face!!!

E o mais fácil de ser identificado, em cada tarde de quarta-feira que nos reuníamos, era a carência daquelas pessoas, o quanto necessitavam ser vistos e escutados...e muitas vezes, simplesmente abraçados!!!

No início não era fácil pois estamos falando de pessoas que moram nas ruas, sem acesso às facilidades de uma simples higiene pessoal, o que dirá então roupas limpas, cheirosas como as nossas. Eram Seres Humanos e identificada a necessidade ou solicitado um aperto de mão ou abraço,

como negar?

E por mais que eu fizesse parte de um grupo que estava lá, muito mais para dar do que receber, a sabedoria do universo se fazia presente: em muitos momentos, me senti tão presenteada que nem saberia descrever!!!

E eles se deliciavam quando promovíamos simples comemorações em datas especiais, tais como uma festinha junina, por exemplo.

A ligação deles com a música é algo incrível: uns se emocionavam, outros cantavam... outros simplesmente escutavam...

Mas me lembro até dos que sabiam tocar violão, por exemplo; não pensavam duas vezes em pedir ao músico voluntário, se poderia emprestar o violão. E ele, mais que prontamente, o fazia sem titubear!!!

E foram tantos nomes: Marianas, Sérgio, Pedros, Marias, Franciscos....tantos seres tão especiais!!!!

Nossa...passaria aqui folhas e folhas descrevendo o que foram aqueles quase 18 meses de total participação neste trabalho tão edificante, que a vida me deu de presente.

As portas eram abertas ao meio dia; mas, naquele exato momento, um trabalho interno e muito maior, nos propiciava a abrir nossos olhos e conseqüentemente, nosso coração!

E a prestação de serviços gratuitos aos moradores de rua, não se restringia à alimentação: havia assistência médica,

comemorações em datas festivas como Carnaval, Festa Junina e até mesmo, um Natal antecipado. Toda a programação daquela instituição era muito interessante e eu percebia que mexia muito com as emoções daquelas pessoas tão discriminadas.

A organização era muito interessante: eles chegavam, eram acomodados em cadeiras e, após uma oração específica e motivadora, além do "Pai Nosso", eles eram convidados a se servirem. Mas para organizar o serviço e a falta de hábitos inexistentes, como higiene por exemplo, sempre havia um de nossos colaboradores, para servi-los ou mesmo orientá-los a lavar as mãos, por exemplo. As idades eram das mais variadas: desde bebês até mesmo idosos. E, na medida do possível, quando identificávamos suas necessidades, tentávamos supri-las: de simples medicamentos para uma dor de cabeça, provavelmente em função do consumo de álcool ou alguma droga, até mesmo, um cobertor, um par de tênis, uma camiseta, ou um simples abraço. Eles eram muito carentes: carentes de um sorriso, de um toque, de um simples olhar...

E reforço em dizer o quanto eu me senti recompensada por cada dia que estive fazendo parte daquele projeto: mais do que proporcionar, tive a oportunidade de aprender, sob uma nova ótica, nova percepção!!!

E, como comentado acima, as atividades não paravam por aí; haviam atividades diárias após o almoço:

- Arte-terapia: através de diversas atividades, em cada novo encontro, um olhar para diferenças e emoções mal administradas;
- Artesanato: equilibrando as emoções e a agressividade em cada ponto traçado;
- Shin-jin-jitsu: aprendendo a controlar o medo e a ansiedade, através dos dedos das mãos;
- Roda de conversa: um papo aberto, intermediado por profissionais da área de Psicologia.

E havia outros atendimentos; mas a Roda de Conversa era muito especial. Não é porque somos voluntários que não temos limitações e que a nossa vida pessoal e profissional esteja resolvida; muitas vezes, muito pelo contrário!!! E, como eu estava em recuperação da minha fratura de coluna, e ainda não liberada para voltar a atuar profissionalmente, na medida do possível eu participava duas ou três vezes na semana; mas desta Roda de Conversa, eu adorava participar! As cadeiras eram posicionadas em círculo, para que todos pudessem olhar nos olhos uns dos outros. E os temas eram prá lá de interessantes. Me lembro que, quando fui convidada pela primeira vez a participar, internamente e equivocadamente eu pensei: "Imagina uma roda de conversa com moradores de rua; isso não vai dar em nada!!! Que conteúdo eles podem ter?!?"

E confesso que, ao final, ter ficado muito emocionada porque, além de tê-los previamente julgado de forma preconceituosa, eu saí de lá totalmente renovada, mediante aos comentários que tive a oportunidade de ouvir. Tudo bem que foram explanados de forma muito simples; mas havia uma sabedoria tamanha e um sentimento que superavam o conteúdo de muitos P.H.Ds!!! Pode até ser que realmente havia uma limitação em forma de fraqueza em cada um daqueles seres: fraqueza para não se entregar às drogas, ao vício, para não abandonar a família, para não ser agressivo, para dar a volta por cima e viver nos padrões aceitos pela sociedade.... enfim.... Mas quem sou eu para julgar quem quer que seja??? Sabe-se lá o real motivo pelo qual estavam nesta vida... qual seria o outro lado da moeda??? Mas, um dos momentos que guardarei eternamente em meu coração aconteceu em um destes encontros, na "Roda de Conversa", cujo tema foi:

### **"Qual é a sua cachaça?!?"**

Quando ouvi a Psicóloga apresentando o tema, eu confesso ter ficado muito assustada. Como assim: perguntar para moradores de rua, qual era a cachaça deles????

Meu coração até chegou a disparar, tamanho receio que senti da reação do grupo... Mas acreditem: foi uma dos encontros mais interessantes da minha vida!!!!

Estávamos em torno de 20 pessoas, naquele dia, entre voluntários (6) e moradores de rua (uns 14).

E quer saber o que esta profissional realmente queria abordar? Que todos nós, independentes de sermos moradores de rua ou não, dependentes químicos ou não, temos a nossa “cachaça” pessoal.

E para ficar mais compreensível esta minha abordagem, eu já vou traduzir a palavra cachaça por:

- fraqueza

- ☐ fuga

- ☐ vício

- ☐ dependência

...exatamente nesta ordem!!!!

E este encontro foi indescritível pois, de forma peculiar, a profissional nos colocou em contato com nossas possíveis fraquezas, as quais, em muitos momentos de nossa vida, nos levam às compulsões, desencadeadas pela simples vontade de sair de cena, fugir, em resposta às cobranças e responsabilidades que a vida nos apresenta, em cada nova etapa vivenciada!!!

E as tais "cachaças" não se limitam, simplesmente, às bebidas alcoólicas. São os alimentos ingeridos em excesso, que podem vir a provocar a obesidade por exemplo; são as compulsões sexuais, que em muitos, o prazer está acima de qualquer respeito ao companheiro; dependência de medicamentos para dormir ou para ficar ativo; o excesso de atividades físicas e a neurose por um corpo perfeito; compulsão por compras de objetos desnecessários; e tantos outros mais...

Como acredito que já deu para você perceber onde o tema desta "Roda de Conversa" nos levou, vou apenas deixar uma simples pergunta:

**Qual é a sua "cachaça"???**

.....

Mas, a vida real voltou a me chamar ....e se fez hora de parar de colecionar histórias e voltar a atuar profissionalmente; mesmo que ler o mundo de forma presencial e escrever o acontecido, fizesse tanto sentido para o meu coração...

Mas eu ainda não estava preparada para dar este passo...

E por tudo isso é que eu levo a minha vida da forma mais simples possível.... porque já tive a oportunidade, mesmo estando deste lado do conforto, de conviver com quem não teve tantas oportunidades quanto eu!!!

Posso ter conhecimento, bens, portas abertas onde quer que eu vá, tão diferente deles...

Mas na essência, sou exatamente igual à cada um que lá, pude ter o privilégio de conhecer: com sabedoria, sentimentos, limitações e muitas emoções....

....tantos sentimentos tão similares aos meus, principalmente, naquele exato momento de minha vida, onde em tanto me questionava...

***Para onde o amor poderá nos levar?!?***

## Quando o corpo fala...

Houve algum momento em sua vida em que você se deu conta do quanto o seu corpo fala?

...é incrível, quando conseguimos nos dar conta disso!!!!

Pena que só paramos para prestar atenção, quando ele já está adoecido e não quando já inicia o processo de desgaste, apresentando sintomas de estar chegando ao seu limite....

E a partir deste momento, podemos estar à mercê das doenças, de simples dores de cabeça ou até mesmo, um diagnóstico de câncer!!!

Quando usamos nossa percepção para simplesmente prestar atenção nas necessidades do nosso corpo, podemos ter muito mais qualidade de vida e impedir que nosso corpo adoença.

Mas sei que esta não é uma tarefa fácil.

E comigo não foi diferente: tive algumas experiências para realmente constatar como o meu corpo fala comigo; pena não ter prestado atenção antes!!!

E ele se comunica desde um simples problema com unhas enfraquecidas... é incrível!!!!

Realmente, temos que prestar muita atenção ao nosso corpo; com esta vida tão agitada, muitas vezes, ultrapassamos os limites do nosso físico, para finalizarmos o dia; honrarmos compromissos e termos a sensação de missão cumprida!!!

E os compromissos com nosso corpo: quando teremos tempo para um olhar mais apurado?!?

E então, se não nos dermos a atenção devida, o tempo passa e ficamos à mercê do stress, que poderá se tornar um companheiro constante!!!

Que tal aproveitar este momento e prestar atenção em seu corpo; perceber se tudo está bem, se ele não está necessitando de alguma atenção mais especial...

Porque, quando conseguimos prestar muito mais atenção em nosso corpo do que no corpo alheio, também conseguimos construir uma barreira poderosa contra o adoecimento do físico e até mesmo da alma!!!

E não tem absolutamente nada mais gostoso do que encontrar uma pessoa, de bem com a vida e que sorri com os olhos, em reflexo da alma, concorda comigo?!?

## **Um dos meus mais importantes, “cases” de sucesso!!!**

Estava em agosto de 2013 e havia passado por um desgaste emocional em relação à minha família. Sentia dores em meu peito esquerdo..e claro, por ter passado muito nervoso, imaginei que estaria com um problema no coração. Agendei uma consulta no cardiologista; mas todos os exames estavam normais. No mês de novembro, para consulta de rotina, voltei ao ginecologista e comentei o que estava sentindo em meu peito esquerdo: parecia que havia uma temperatura interna, mais elevada e, ao mesmo tempo, um músculo mais tensionado; sensação de caimbra. No exame clínico, o médico não constatou absolutamente nada e me encaminhou para exames laboratoriais; fui direto para o melhor: Fleury! !! Iniciei pela mamografia. ..e nada, tudo normal. Em seguida e no mesmo dia, Ultrasson de mama....e nada também, apenas um tecido diferenciado. Foi então que abordei o médico do laboratório e, ainda na maca, disse: Doutor, por favor, verifique mais uma vez; tem alguma coisa estranha nesta minha mama esquerda!!! Mais uma vez ele passou o Ultrasson e nada que lhe chamasse a atenção! ! Enquanto era preparada para o Ultrasson endovaginal, ele foi até a sala de mamografia.

Quando retornou, pediu para que, assim que eu terminasse aquele exame, que me dirigisse para a sala de mamografia, pois havia identificado um sinal na imagem, que seria melhor refazer o exame. E dia 18/12 daquele ano, saiu o resultado: classificação radiológica "4". Isto significa que não teria outro procedimento a ser feito, a não ser uma biopsia : Core Biopsy. O meu ginecologista tinha uma madrinha de casamento, médica, que era a responsável por este tipo de exame, no laboratório Salomon Zoppi, em São Paulo. E lá fui eu, acompanhada por meu filho mais velho e nora: 30/12/2013.

O exame não é muito agradável; mas bem preciso. A médica disse que o volume era muito pequeno; difícil até para colher material para análise! !

Dia 08/01/2014 sai o resultado do exame. Claro que não abri sozinha; estava muito apreensiva!!!

E mais uma vez, meu filho mais velho e minha nora, me acompanharam no centro cirúrgico do Hospital Brasil, onde o dr. Rogers me esperava para verificarmos juntos, o resultado. ... e voila... Carcinoma Ductal Invasivo. .ou seja: Câncer de Mama!!!

É claro que o meu mundo desabou naquele momento. ..

Estaria eu fadada a não ver meus filhos casando, conhecer meus netos, fazer acontecer meus projetos?

É incrível o filme que passa em nossa mente, naquele momento...e aí o que nos resta é chorar, chorar e chorar...sem tempo para terminar de chorar!!! O diagnóstico "câncer" parece ter uma raiz profunda com uma sentença de morte...no emocional coletivo, claro...olha eu aqui.. mais que viva e completamente curada!!!!..eh eh Mas continuando: muitas explicações, muito exames..um ir e vir de lá pra cá, sem parar!!! Por algumas razões acabei optando pelo tratamento no Hospital A.C.Camargo, em São Paulo e alguns exames foram refeitos e até mesmo, uma nova leitura da tal lâmina da biopsia. E exatamente hoje, há dois anos atrás, iniciava o meu preparo para o procedimento cirúrgico, que aconteceu em 14/02/2014. ...pasmee: 14 é o meu número favorito!!! Mas na mesa de cirurgia, a equipe do Dr. Danilo, teve uma surpresa: na biopsia, 45 dias antes da cirurgia, era um tumor de 0,7 mm.; naquele momento já eram dois, um de 1,7 mm e um outro de 2,2 mm. Naquele momento, chegaram a questionar uma mastectomia total, em função do tamanho e presença de dois nódulos. Mas o " Cara lá de cima e equipe" são sempre muito presentes em minha V.I.D.A. e acabaram encontrando uma maneira de preservar a minha mama e só foi necessário a retirada de um quadrante! !!

Não precisei de dreno e nada mais; a enfermeira, no pós operatório, até me questionou: me desculpe, mas qual é a sua religião? !?! E brincando e muito, muito feliz, eu respondi: CURIOSA!!!!...ehehe Há mais alguns detalhes em relação à quimioterapia e radioterapia. ..Mas vamos deixar para outro post, né? E sabe por que eu resolvi partilhar tudo isso com vc? Porque esta minha vitória só foi possível porque eu prestei atenção em meu corpo, não tive medo de questionar os médicos e principalmente, não andei de mãos dadas com estes tumores...Por mais que estivessem em meu corpo, não eram meus!!! Somos o resultado do que fazemos e do que acreditamos!!! Se você está passando por algo semelhante ou conhece alguém que esteja, partilhe esta mensagem e coloque como título:

***"Para onde o amor poderá nos levar?!?!"***

Só depende de como nós nos olharmos... e nos aceitarmos!!!"

.....

E foi exatamente assim que, mais uma vez, eu tive que me fortalecer sozinha para conquistar a vitória, em um momento da minha vida, que nem eu acreditava que estava passando!!! Por mais difícil que tenha sido minha trajetória: quando eu poderia imaginar que receberia o diagnóstico de câncer de mama?!?

Eu até me lembro que, em um grupo de auto-ajuda que eu participei, após minha recuperação da fratura da coluna lombar, em um determinado dia, uma das integrantes do grupo partilhou conosco:

*" Eu estava tão cansada do quanto eu tinha que me dedicar aos meus filhos, marido e netos, que cheguei a pedir a Deus para que eu ficasse doente... assim eles olhariam um pouco para mim e me dariam a atenção devida, aquela que eu tanto esperava receber... "*

Em vários momentos durante o meu tratamento oncológico, eu me questionei se eu havia, mesmo de forma inconsciente, desejado adoecer de forma tão grave, para chamar a atenção dos meus filhos e familiares....

Porque quando a gente, enquanto pequena, não aprendeu dentro de casa, o verdadeiro significado do verbo "amar" e todas as suas variantes, e mais ainda, quando a gente não se sente feliz e realizada como mulher e opta pela separação, mesmo tendo três filhos em formação, a tendência em sermos julgados e condenados previamente, sem qualquer interesse em saber quais os nossos reais sentimentos e necessidades, está fadado a acontecer...

E então, só nos restará uma única opção: nos coligarmos ao Pai Maior e ao imenso amor que existe dentro de cada um de nós, aquele que nos liberta de quaisquer expectativas em relação ao outro; principalmente, quando o maior desafio é preencher a lacuna que existe dentro de nós!!!

**Senta  
que lá vem...**

***As histórias  
de Nenê!!!***

## **Do sapatinho ao calendário...**

Ele se foi lá em minha adolescência...mas a vontade de balbuciar o monossílabo "PAI" ainda é imensa....

Ele tinha valores construídos; mas uma estrutura emocional abalada. E os anos a abalaram muito mais através do alcoolismo.

Mas o primeiro lugar, na lista dos heróis da minha primeira fase de vida, era ocupado por ele: apesar de franzino, era grande nas ideologias; apesar da pouca lucidez enquanto alcoolizado, era um Ser sábio, porém muito pouco valorizado!!!

A família, já cansada dos escândalos em virtude do alcoolismo, mantinha contato mínimo; só havia um irmão dele que ainda lhe dava alguns mimos e quanto às ofensas, ignorava...

Lembro-me dele, com um sorriso envergonhado. A impressão que guardo é que ele não tinha controle sobre seu vício, uma fraqueza. Mas quando conseguia vencê-la, nem que por um dia, dele emergia uma interna beleza!!! Ahhhhhhhhh... quantas saudades.....

Quisera eu ter tido mais tempo para poder aproveitar tanto conhecimento. Não falava idiomas, mas sabia o quanto o domínio de outra língua poderia abrir novos horizontes. Não havia nascido em berço de ouro, mas quando lúcido, sabia como se comportar, em qualquer ambiente.

Era rígido em sua postura; mas comigo, sua "Nenê", mostrava total doçura. E não economizava sinais para demonstrar que, mesmo na ausência, havia a constante lembrança: uma bala aqui, um chocolate ali, até doce de leite embrulhado na palha....uhmm como era "dos Deuses"!!!

E se tinha uma pessoa que nesta vida me fez sentir orgulho de mim mesma, essa pessoa era meu pai: ele desfilava comigo sorrindo, nunca estava "armado", jamais enfurecido; nem mesmo os 50 anos que nos separavam, minimizavam tal fascínio!!!

E foram muitas histórias....

Tudo bem que o casamento dos meus pais não existia, em função de tantas mágoas; e meus passeios ou eram com minha mãe, ou com o meu pai, quase NUNCA com o casal. Minha mãe tinha lá o jeito dela de "general", papel que desempenhava para ser o "homem" forte da casa, na ausência do companheiro alcoólatra; as regras mais pesadas sempre vinham do lado dela.

Lembro-me que meus pezinhos eram "chatos" como diziam na época e eu tive que usar botas ortopédicas. Mas aquelas botas eram horrorosas!!!! Não me deixavam aflorar um lado já feminino que permeava o meu Ser ainda criança...

Eu pedia para minha mãe liberar tal uso na escola, pois eu queria usar sapatos do tipo "boneca" e ficar muito mais

feminina como minhas amiguinhas; mas ela não deixava.

E como eu tinha por volta de sete anos, e a escola era pertinho de casa, um deles quem me levava para a aula.

E sabe que um dia ele me fez uma enorme surpresa? Primeiro convenceu a minha mãe de que ele me levaria para a escola e, quando lá chegamos, no momento em que ia me despedir, ele abriu sua maleta de vendedor e "voilà": meu sapatinho "boneca" estava lá!!!!

Nossa.... A EMOÇÃO FOI GRANDE DEMAIS!!!!

Eu não conseguia acreditar que entraria na escola como minhas amiguinhas, toda feminina...

Este era o meu "**papinho**" ...como eu o chamava...

Eu nunca pedi uma estrela para ele; mas tenho impressão de que, se houvesse pedido, ele teria me dado!!!

Eu pensava em um dia, ele fazia acontecer logo em seguida. Era sua forma de compensar um vício que não conseguia dominar. Ele demonstrava que tudo o que eu fazia era perfeito e seu maior prazer era ver sua "Nenê" tocar violão.

Me deu um de presente, em meus oito anos de idade.... E logo que comecei a tocar, sua musica preferida era "Folia de Reis", Baianos e Os Novos Caetanos. Eu me lembro que os olhinhos dele marejavam, na dupla emoção: escutar a musica que tanto gostava e tocada e cantada pela sua "Nenê". Ahhhhhh...se chegasse em casa eu eu estivesse tocando violão, nem fome sentia;por ali mesmo sentava e

bem baixinho cantava, de tão tímido que era...

E sempre que me via triste, quando lúcido, queria saber o motivo, para mudar aquela minha carinha.

Um dia, lembro-me ter dito que estava triste porque ele havia feito um escândalo na noite anterior, quando chegara em casa, embriagado.... e acabei por chorar, porque não gostava de ver meus pais discutindo e brigando o tempo todo.

Então, naquele mesmo momento, ele pegou em minha mão, subimos a escada, pois morávamos em um sobrado, entrou no quarto dele, pois dormia sozinho e, atrás da porta, mostrou-me um calendário. Pegou uma caneta, mostrou o dia em que estávamos e lá fez uma marquinha. Olhou bem dentro dos meus olhos e disse: a partir de hoje seu "Papinho" não bebe NUNCA mais!!!!

Acredito que aquele dia foi um dos dias mais especiais da minha vida: tudo o que eu mais queria era que meu pai deixasse de beber, deixasse de chegar em casa, embriagado. Mas, infelizmente, nem tudo o que nós, Seres Humanos, nos propomos a fazer, conseguimos colocar em prática.... E infelizmente, aquela mão que era a mais forte que havia segurado a minha, até então, fez aquele caminho tantas vezes, repetiu aquela promessa, tantas outras, mesmo sabendo que mais ele precisava escutar tal promessa do que eu poderia acreditar que aquilo realmente aconteceria de verdade...

E claro, alcoólatra desde seus 17 anos e fumando uma

média de 3 maços de cigarros por dia, o coração não suportou, o quadro clínico complicou e a morte, o meu pai levou ....e eu só tinha 14 anos!!!

E para fechar com chaves de ouro esta história, pedacinho precioso da minha vida, foi exatamente com o terno que ele havia mandado confeccionar para a minha formatura de violão, que seria no mês seguinte, que ele fora sepultado....

Décadas já passaram; me tornei mulher, esposa, me formei, fui mãe...não necessariamente nesta ordem.... Lágrimas de alegria, de tristeza... ganhos, perdas.... promoções... decepções....

Nossa..... quantas emoções neste meu caminhar...

Mas se tem uma emoção que jamais deixei de sentir é a saudade em pronunciar a palavra P A I.... Em minha concepção ....

# Presença de

# Amor

# Imenso

## **A boneca que nunca tive...**

Eu tive muitas bonecas e as via como minhas irmãzinhas, pois uma filha única acaba por ter muito mais amiguinhos imaginários. E cada uma tinha seu nome; mas o meu preferido era Érica. Era uma boneca de pele clara, de cabelos longos e loiros, totalmente diferentes do meu; talvez por isso que a curtia tanto!!!! E, em minha infância, eu passava horas e horas brincando de casinha, como costumávamos chamar as brincadeiras que envolviam coisas de casa e de meninas. Minha mãe conta que eu era muito cuidadosa e que não costumava rabiscar bonecas, cortar cabelos, etc.... E isso, mais o fato de ser a única filha deles, os motivava para sempre me presentear com outras bonecas. E os anos passavam... 10, 11, 12, 13... e eu ainda me sentia muito feliz quando ganhava de presente uma boneca. Lembro-me, inclusive, que pensava em ter uma loja de bonecas quando crescesse, tamanha paixão era a minha por elas. Naquela época, os meus pais não tinham como hábito partilhar dificuldades financeiras comigo: tudo o que eu queria, eu tinha; era muito mimada. E as datas eram religiosamente respeitadas para eu ser presenteada. E de preferência, com bonecas!!! Mas aquele ano, em que eu faria 14 anos, estava tudo muito diferente. Após uma vida inteira convivendo com o alcoolismo do meu pai, ele havia parado de beber; como era por motivo de saúde,

havia também parado de trabalhar.

Também pudera, após 45 anos como alcoólatra, o físico dele apresentou os primeiros sintomas da doença e ele teve que ser internado. A princípio, a colocação de um marca-passo; sua estrutura física não aguentaria uma cirurgia do coração. E a internação aconteceu em agosto. Como já se aproximava o dia das crianças, eu já havia comentado que queria de presente, a tal boneca Bombom. Ela era muito fofo; tinha um delicioso cheirinho de chocolate e roupinhas muito delicadas, com cabelinhos de lã. Eu já não estava mais na fase de brincar de boneca; já estava de namorinho com um garoto. Mas eu adorava bonecas e aquela, provavelmente, seria a última que eu ganharia. Aconteceu a tal cirurgia, mas o tal marca-passo não foi aceito pelo organismo dele e, houve a necessidade de uma nova internação para troca do aparelho e nova cirurgia. Ele foi internado novamente, no início de outubro e já era o mês das crianças. Quando retornou do centro cirúrgico, passou um período na U.T.I, de tão enfraquecido que estava. Mas ele era tão especial que, em uma das minhas visitas, em tempo tão restrito, ele me perguntou:

*"Sua mãe já comprou a boneca que você pediu para o Dia das Crianças?"*

E rapidinho eu respondi:

*"Claro que sim, papinho, só não a trouxe para você vê-la, porque o hospital não a deixaria entrar aqui"*

E ele sorriu feliz e se sentiu, mais uma vez, realizado por poder realizar os desejos de sua “Nenê”!!!

Menos de um mês depois, ele faleceu, bem no dia de Finados aqui no Brasil; estava muito debilitado e a reincidência da cirurgia o enfraqueceu ainda mais....

.....  
Jamais tive esta boneca, porque disse para minha mãe que não precisava comprar, já que havia percebido que os recursos financeiros estavam bem mais limitados. Mas ele não necessitava saber enquanto estivesse internado.

Afinal, eu tinha certeza de que ele voltaria e que, talvez, eu iria com ele comprar a tal boneca.....

.....  
*“Tem coisas que só faz sentido, quando estamos exatamente com quem dá o real sentido para aquela coisa...”*

...espero que você consiga entender, o que realmente eu quis dizer!!!

## **A primeira "pisada de bola": uma lição para a vida toda!!!**

A família de "Nenê" não tinha grandes posses... mas ela sempre teve o que desejava; bastava comentar sobre algum objeto que havia visto e pronto: dias depois, lá estava um presente... e do jeitinho que ela realmente desejava!!! Afinal, uma filha única, vinda treze anos após o casamento de seus pais, só poderia mesmo ser muito mimada!!! Mas, por mais mimos que haviam, ótimos conceitos para sua formação de caráter nunca lhe faltou; muito pelo contrário! E quando era percebido algum desvio no comportamento, por menor que fosse, que pudesse abalar a conduta da sua formação como cidadã de bem, não era pensado uma única vez, para que a correção fosse feita. E uma destas vezes, marcou a vida de "Nenê", para sempre... e ela mesmo conta:

*".... era difícil ver meus pais conversarem...o ambiente era sempre de discussão, em função do alcoolismo dele; ou era de silêncio, no dia seguinte de cada escândalo. Mas teve um dia, em especial, uns dois anos antes de perdê-lo, que os vi conversando de forma diferente, séria. E o assunto em questão era "fazer economia". Eu nunca havia ouvido nada até então, em meus 12 anos de vida....e aquilo ficou em minha mente.*

*Como ele já estava se sentindo enfraquecido fisicamente, estava propondo para minha mãe que desse uma segurada nos gastos, pois seus recursos estavam mais limitados. E foi então, que me lembro ter "pisado pela primeira vez, na bola"...ehehehe Estávamos no supermercado, eu e meu pai. Naquela época, com muito menos habitantes nos grandes centros atuais, a cidade onde morava ainda mantinha aquele padrão "todo mundo conhece todo mundo". E claro, minha mãe também conhecia o gerente do supermercado. A intenção era comprar apenas alguns itens e, já naquele momento, eu percebi que até mesmo o carrinho de compras, já estava bem mais vazio do que de costume. Então, houve um momento em que meu pai me avisou que iria pegar algo em alguma outra gôndola e eu me mantive perto de algumas guloseimas. Crianças no supermercado sempre tornam-se consumidores em potencial, porque parece que tudo salta aos olhos...e no meu caso não foi diferente: um saquinho de pipoca saltou aos meus olhos, provocando aquela salivação de quando ficamos com muita vontade de comer algo!! Mas, no mesmo momento, me lembrei da conversa que havia escutado entre meus pais, sobre a contenção de*

*gastos. Então não tive coragem de pedir a tal pipoca para meu pai; mas eu queria muito aquela pipoca, muito mesmo!!!! E foi então que não pensei duas vezes e peguei o tal saquinho de pipocas e o guardei em meu corpo; nem me lembro onde!!! O que sei contar é que consegui passar com o tal saquinho de pipocas pelo caixa, sem ninguém perceber, muito menos meu pai! Mas, só havia esquecido de um detalhe: eu não sabia fazer pipocas...ehehehe Quando cheguei em casa, dei um jeitinho de guardar o saquinho, sem que ninguém percebesse e, passado um tempo, com toda a "cara de pau" do mundo, pedi para minha mãe fazer pipoca. Ela me respondeu que não tinha pipoca, mas que assim que possível, compraria. Então, aumentando a "cara de pau", comentei ter visto um saquinho no armário e ela, mesmo afirmando que não tinha, se rendeu à minha insistência e foi confirmar. E aí, achou o tal saquinho de pipoca, novinho e ainda lacrado. E foi neste exato momento que vivenciei um dos maiores aprendizados da minha vida: jamais se aproprie de bens alheios, ou seja, do que não lhe pertença!*

Minha mãe, assemelhava-se a um general, principalmente no que dizia respeito à minha educação.

*Era rígida demais e a impressão que eu tinha é que nela havia vários sensores, porque absolutamente nada passava imperceptível... só o que lhe convinha... Naquele exato momento, ela olhou muito firme em meus olhos e me questionou sobre como aquele pacote de pipocas havia chegado até o armário, por que ela não havia comprado.... E com tamanha presença em minha vida, uma das coisas que eu não tinha espaço para desenvolver era a mentira; tentava omitir, mas jamais mentir. E claro.... confessei que havia pego porque havia escutado que precisávamos economizar;.mas eu estava com muita vontade daquela pipoca... Mas ela não elevou a voz, não me bateu, não me colocou de castigo, nem nada nessa linha; simplesmente pegou na minha mão, pegou o pacote de pipoca e lá fomos ao supermercado.*

*Chegando lá, pedi para conversarmos em particular com o gerente, amigo dela, e explicou o que havia acontecido. Eu queria fazer um buraco no chão e chegar no Japão, de tanta vergonha que estava sentindo!!! Quanto constrangimento...naquele momento eu estava com muita raiva dela porque não conseguia conceber o tamanho daquela erva daninha que ela queria arrancar da raiz!!!*

*O nome do gerente era Sr. Alexandre e, apesar dele não estar mais entre nós, o guardo em meu coração, com*

*com muito carinho, até hoje!! Sr. Alexandre escutou a narrativa dela com muita atenção, agradeceu sua iniciativa e, com entonação na voz, mas permeado com muito amor e respeito àquela situação, me olhou sério e simplesmente disse: "Você entendeu o que a sua mãe está fazendo: que não podemos nos apropriar do que não nos pertence? Como estou vendo em seus olhinhos que não teve a intenção de roubar mas simplesmente de saciar a vontade de comer pipoca, este pacote eu te dou de presente. Mas você vai ter que me prometer que, se algum dia em sua vida tiver alguma necessidade, jamais irá repetir este feito, ok?" ..... Nem preciso dizer que as lágrimas rolam em minha face só de me lembrar daquele momento e de uma situação que marcou tanto em minha vida e na formação do meu caráter!!!*

*...confesso que já passei por muitas dificuldades... e que, alguns momentos tão difíceis e solitários que eu tinha vontade sim, de levar comigo, outros "pacotes de pipoca"...*

*Porque tem determinados momentos na vida da gente, que parece que a gente não consegue aceitar porque os outros podem ter o que a gente nunca consegue ter...*

*Mas naquele exato momento, que esse desejo tentava me convencer ser o melhor caminho, eu me via com 12 anos de idade e me sentia à frente do Sr. Alexandre e da minha*

*mãe "general"....*

*E só aquela lembrança já era suficiente para me afastar de qualquer tentação.... "*

.....

Talvez em muitas situações na vida da gente, nos perguntemos o que realmente é justo e o que realmente é correto.... em muitas delas, talvez até mesmo na maioria, não conseguimos obter tal resposta.

O que realmente sei é que temos nosso livre arbítrio, mesmo dentro da fartura ou da miséria.

Caráter não está disponível apenas para quem nasce em berço de ouro, para quem estuda em boas escolas, para quem tem formação superior, etc....

Caráter é o resultado de boa índole, permeado pela observação de bons exemplos e bom senso.

Por mais simples que tenha sido minha educação, dentro da casa dos meus pais, recebi este ensinamento, com fartura!!!

Talvez seja exatamente isso o que esteja faltando nos dias atuais.....

## Tia Cici....

Era tudo o que a pequena Nenê sabia gritar.... Não gostava de tomar injeções; mas, infelizmente, suas amídalas estavam sempre infeccionadas. O pediatra acreditava que era em função de uma gravidez sem muitos cuidados, sem acompanhamento devido; Nenê havia nascido abaixo do peso e tamanho adequados para um recém-nascido. Mas, como foi adotada logo após o parto, sua mãe de coração não media esforços para mantê-la sempre saudável; era Nenê dar um suspiro a mais, ela já procurava o pediatra e tudo ficava bem! Mas tinha uma saúde frágil; qualquer surto de doenças infantis, a debilitava. E foi sarampo, varíola, catapora, caxumba, que em brincadeira, chamava de “xumbinha”. E tia Cici a enchia de mimos; eram presentinhos, docinhos e muito carinho. E quando a garganta ficava muito inflamada, a visita do farmacêutico era inevitável. E lá vinham as insuportáveis agulhas... E como não podia fugir, gritar Nenê podia... e não economizava fôlego e muito alto gritava: Tia Ciciiiiiiiiiiiiiiiiiiiii... como se ela a pudesse ouvir!!!! E a afinidade com tia Cici era tamanha que, mesmo Nenê tendo a pele bem morena e tia Cici bem clarinha, Nenê colocava seu bracinho ao lado do braço da Tia Cici e comentava:

*“Sou da mesma cor que tia Cici!!!”*

Os anos passaram, Nenê virou uma mocinha, mas a afinidade com tia Cici nunca terminou; ao menos naquela época.

Tia Cici era uma mulher muito bonita, cobiçada pelos homens; não havia quem não a olhasse quando andava pelas ruas da cidade. E muitas vezes, Nenê acompanhava tia Cici até sua casa, no centro da cidade; seis quadras de onde ela morava. E aí se algum homem fizesse algum comentário maldoso com tia Cici; Nenê iria até ele e tiraria satisfação.

Quando as dúvidas inerentes às mulheres começaram a surgir, Nenê se sentia muito mais à vontade para conversar com tia Cici; sua mãe era muito rígida e nem sempre disponível para tais assuntos; sempre tinha que trabalhar. Costurava muito; muitas clientes!!!

E quando se desentendia com sua mãe, não pensava duas vezes: ia dormir na casa da tia Cici.

Quando soube da sua real condição de filha adotiva, desvendada de uma forma traumática, em seus 16 anos, quando seu pai já havia partido, Nenê acabou por se aproximar mais e mais da tia Cici, porque passou a se sentir traída pela mãe de coração, que havia omitido tal informação. E naquele momento, as afinidades com tia Cici eram muitas: Nenê queria crescer logo para usar sapatos de salto da tia Cici, acessórios, etc.

Ela a tinha como referência: além de uma linda mulher, era doce, alto astral e sempre conectada com os assuntos atuais. E por tudo isso, Nenê se identificava muito com sua querida tia Cici; era sua primeira e grande referência!!! Mas o tempo passou e Nenê virou mulher; casou teve filhos e, não demorou muito para conhecer alguns detalhes da vida da tia Cici, não muito agradáveis.

E mesmo assim, desaprovando certas atitudes, Nenê continuava firme no propósito de respeitá-la e amá-la incondicionalmente. Tanto que Nenê, sempre que possível, quando sabia que a tia Cici e seu companheiro passavam por dificuldades financeiras, não media esforços e os ajudava com alimentos e até certos valores em dinheiro; para Nenê não importava o que a tia Cici havia feito no passado: era sua tia mais que querida e, sempre que possível, iria lhe ajudar.

A única coisa que Nenê ainda não havia aprendido, é que a vida dá muitas voltas e, em alguns momentos ajudamos e em outros, precisamos ser ajudados!!!!

Nenê se intitulava infalível, na organização, no poder aquisitivo, na saúde, na independência; não conseguia imaginar que um dia, pudesse precisar de alguém.

Não era prepotente, mas tinha uma determinação e uma certa segurança que a fazia sentir-se poderosa e inatingível.

Até que um dia, sua vida mudou de direção e, não só o seu

poder aquisitivo mudou, como toda a sua estrutura de vida. Logo que tudo isso aconteceu, Nenê não se deu muito conta e sem ter muito domínio do que realmente acontecia, resolveu continuar vivendo a vida, da forma que sempre vivera; só que, naquele momento, com muita liberdade. E nem percebeu que a tal liberdade, nada mais era do que uma fuga para todas as situações mal resolvidas que guardava em seu interior. E como um castelo de areia, suas emoções foram desabando e ela não se deu conta; muito menos alguém que fizesse parte de sua vida. Uma depressão já piscava o sinal amarelo, mas Nenê não se rendia ao tratamento. E no mesmo momento em que Nenê já se sentia desanimada e muito desinteressada de tudo, recebera a notícia de que tia Cici estava com câncer; e tal informação chegou como uma bomba. Mas Nenê passou por cima do que sentia naquele momento e, mesmo exaurida, desanimada e entristecida, se mantinha ao lado da tia Cici. Visitava-a com frequência e até a acompanhou na primeira sessão de quimioterapia, mesmo que, desde pequena, tivesse muito medo de agulhas e ambientes hospitalares. Ela queria estar perto da tia Cici, se fazer presente; dar amor, carinho e muita atenção. Mas Nenê não estava se

sentindo bem; quando saía da casa da tia Cici, ao visitá-la, sentia muita vontade de chorar e, quando chegava em casa, um desânimo a tomava por completo. Mesmo com familiares por perto, ninguém percebeu que Nenê não era mais a mesma, nem mesmo sua mãe de coração. Os olhares eram apenas para tia Cici e Nenê estava precisando de cuidados. Até que um dia, Nenê decidiu passar um período sem visitar a tia Cici; não conseguia entender o que acontecia, mas não poderia mais continuar a se sentir tão mal quanto se sentia naquelas visitas... precisava se cuidar. Até buscou ajuda médica, mas não conseguia dar continuidade ao tratamento, mesmo com o diagnóstico da depressão. Não tinha mais paciência ou educação com os outros, incluindo sua mãe de coração. Seu rendimento no trabalho havia caído e se sentia muito abalada emocionalmente. Mas nem isso era suficiente para que alguém a olhasse com mais atenção; o que os familiares realmente sabiam fazer era julgá-la, mas jamais ajudá-la ou vir em sua direção. E Nenê já tinha muitas marcas de rejeição, desde o momento do parto, quando foi colocada para adoção; e isso, segundo psicólogos que havia passado, era um sentimento que já deveria estar presente, desde a gestação.

Nenê tinha uma baixa auto-estima e, na maioria das vezes, não conseguia se sentir amada. E por tudo o que já havia passado em sua vida, o caldeirão das emoções mal resolvidas estava por transbordar... e ninguém se deu conta!!!! E houve um momento, em que Nenê ficou muito decepcionada com a tia Cici; tentou visitá-la e, descobriu por sua mãe do coração que, não era para visitar mais a tia Cici, pois o companheiro dela havia proibido a sua entrada, em função do comportamento e ausência de Nenê.... nem se deram ao trabalho de perguntar o que estava acontecendo; mesmo que, no passado, Nenê não medisse esforços para ajudá-los, quando estavam desempregados. E teve mais.... Em uma sexta-feira, tia Cici telefonou para Nenê e, após ter dito que estava com saudades e que ligara para saber como estava, não poupou palavras para dizer que, se ela quisesse ligar na casa dela, que o fizesse às sextas-feiras, dia em que o tal companheiro não estaria em casa; assim, ele não saberia que estavam em contato!!!!

Acredito não ser necessário dizer que NUNCA mais Nenê ligou para tia Cici e se o telefone tocasse e Nenê visualizasse no identificador de chamadas que era a tia, também não atendia. Ficou muito magoada, muito decepcionada e sabia que, daquele dia em diante, não

teria mais aquele nome para chamar nos momentos de medo ou tristeza...apenas aconteceriam em sua imaginação. Mas como neste episódio, Nenê colecionou várias histórias como esta; mas, aos olhos dos outros, seus sentimentos eram sempre exacerbados. Mas o que mais Nenê desejava era que alguém a olhasse como um Ser Humano falível, sensível e digna de ser amada. Infelizmente o tempo passou e, até aquele momento de sal vida, isso jamais aconteceu, nem com familiares, nem com amores... A impressão que Nenê passou a ter era que, o reconhecimento das emoções e das dores alheias só aconteciam entre pessoas consangüíneas, ou seja, "sangue do mesmo sangue", como tantas vezes ouviu sua mãe de coração comentar. Nenê não se sentia amada; para ela amor era muito mais do que dar abrigo, alimentos, roupas, estudo; para ela, amar era sinônimo de olhar apurado, atenção, cuidados e respeito aos sentimentos, mesmo com divergências...

E Nenê já se sentia muito só em sua trajetória: filhos crescidos, casamento desfeito, morava sozinha e, desde o momento que percebera que a família a recebia mais por obrigação do que por prazer, cortou os laços e contatos mais próximos. Vivia uma vida isolada, onde o seu maior foco era seu trabalho e, em casa sozinha, com suas eternas companheiras: a música e as letrinhas!!!

Até que, em um período de Natal, onde tudo e todos estão voltados para os preparativos das reuniões familiares, onde há anos, Nenê já não fazia mais parte, a tristeza, o abandono e porque não dizer, o desespero, foram tomando conta...

E nem o namorado, nem os filhos, nem os poucos amigos que faziam parte de sua vida, e muito menos a mãe de coração, conseguiram prever o que estava por acontecer: ela não mais teve forças e acabou por atentar contra sua própria vida.

Por muito pouco, ficou entre a vida e a morte ... mas com toda certeza, havia uma plêiade de anjos ao seu redor... Entre resgate, U.T.I., cirurgias, fisioterapia, foram mais de 18 meses até que Nenê pudesse retornar à sua vida normal.....

O físico realmente voltou ao normal; mas Nenê nunca mais conseguiu voltar a ser o que era, principalmente na alegria que contagiava a todos!!!!

Aos poucos, recuperou suas atividades, mesmo que algumas tiveram que ser revistas ou até mesmo, readaptadas. Mas o Alto havia sido muito benevolente com Nenê e ela se recuperou muito bem!!!

Mas, nenhum Ser Humano nasceu com o físico de ferro, imune aos efeitos das emoções mal administradas ou, até mesmo, descontroladas!!!!

Não que Nenê tivesse algum problema psiquiátrico; apenas uma tristeza interna, por nunca ter se sentido, verdadeiramente amada.

E é assim mesmo que acontece: o amor pode nos levar para vários caminhos, porque se não for um amor de verdade, se for amor pela metade, poderá com certeza, destruir uma vida inteira!!!

E com Nenê não foi diferente: desde que o primeiro episódio de depressão a acometeu, o seu corpo nunca mais parou de se manifestar, de tão sensível que se tornou perante a todas as situações pela qual passou, durante uma vida inteira!!!!

Mesmo tanto tempo depois, Nenê continua sem contato freqüente com a família, a família “de coração”; a família biológica, nunca conseguiu informações.

Sua mãe de coração partiu em 2015, prestes a completar 90 anos; mas Nenê nunca conseguiu recuperar a confiança e nem mesmo aquele amor filial.

Nenê costuma dizer que aprendeu com a vida que a confiança é o sentimento mais difícil de ser recuperado, mesmo em relação ao amor:

**Pode-se reaprender a amar...  
mas jamais a confiar!!!**

Divagações...

Percepções...

Conjecturas....

## **Como uma simples bola de sabão!!!**

Desde criança, o que todos nós realmente almejamos é ser feliz; não importa onde ela esteja: o que realmente desejamos é encontrar a tal felicidade! E, desde nosso nascimento, somos recebidos com festa, muita alegria, muitas comemorações, como se a felicidade fosse continuar fazendo parte de nossas vidas, incondicionalmente. E muitas famílias não economizam criatividade para proporcionar aos pequenos, momentos muito especiais e repletos de cor e alegria....

E então, após muitas festas de aniversário, datas comemorativas como Carnaval, Páscoa, Dia da Criança e até mesmo o Natal, momento em que nos encontramos, temos a oportunidade de sair da rotina, de mesas fartas, de roupas novas, da troca de presentes, de muitos abraços, beijos, elogios infundáveis!!!!

As divergências de um ano inteiro, vão para debaixo do tapete e, como em um passe de mágica, o espírito de Natal impera e nos propicia um novo olhar, um novo sentir e até mesmo, novas atitudes em relação ao próximo!!!

E os anos passam e nós crescemos em meio a tantas outras comemorações!!!

Nos ensinam a sentar, como comer da forma correta, a receber elegantemente e ser um ótimo anfitrião...

Nos ensinam a falar baixo, a respeitar o próximo, a agradecer....

Nos ensinam a estudar e até mesmo, a aprender....

Mas o que realmente fica faltando é alguém nos ensinar a estarmos prontos para entender o porquê de recebermos, na vida, o que não estamos preparados para viver!!!!

E tais “presentes da vida” nos chegam, sem prévio aviso; simplesmente chegam...

E nós que nos fazemos de fortes para estarmos prontos para o que quer que seja!!!

E eles vêm em diferentes formatos, cores, sabores ou até mesmo, dissabores!!!!

E sabe por que os chamam de “PRESENTES”???

Porque tudo o que a vida nos traz, sem que tenhamos pedido, contribui imensamente para o nosso crescimento pessoal.

Como se estivéssemos no final de um curso qualquer: tais “presentes da vida” chegam até nós para que possamos ser avaliados, se realmente estamos aptos às futuras promoções!!!!

E se estivermos, nossa maior conquista será encontrar a felicidade...

Mas não uma felicidade interminável, mas sim momentos felizes; como aqueles que vivíamos quando ainda crianças: que não nos importava o quanto custava o que recebíamos, mas sim o quanto nos fascinava, uma simples bola de sabão!!!!

Quantas vezes, quando brincávamos nos parques, esfolávamos nosso joelho e até mesmo sangravam; mas nem sempre nos rendíamos ao ferimento de tamanho prazer que estávamos sentindo em poder brincar...

E é assim que temos que levar nossos dias: de mãos dadas com o que nos fascina... nos entusiasma; com o que realmente faz nossa alma sorrir!!!!

Talvez, mesmo neste momento do ano, você tenha acabado de receber um destes inesperados “presentes da vida” e que não esteja sabendo como administrá-lo; ou até mesmo, não saiba o que fazer com “ele”!!!

Então, vou lhe dar uma dica: nada dura eternamente; tudo, absolutamente tudo é passageiro!!!! Por mais difícil que possa parecer tal situação, já já ela será apenas, mais uma página da vida, mais algumas experiências adquiridas, talvez até mesmo, para simplesmente, compartilhar!!!!

Então, fique em paz.... deixa a vida te direcionar para os próximos passos a seguir!!!!

Afinal, nada acontece em nossas vidas, por acaso; tudo tem um propósito, absolutamente tudo tem um porquê!!!! E é exatamente por isso que não é necessário se desesperar, se preocupar em excesso; se tiver algo acontecendo em sua vida, que você coleciona perguntas e não encontra respostas, calma, talvez este ainda não seja o momento de obtê-las!!! Fique em paz e tente administrar o que está ao seu alcance!!!

Mas e o resto?

Ahhhhh..o resto.....

O que realmente importa é o aqui e agora.....

Simplesmente deixe o depois, para depois!!!!!

## **Basta realmente acreditar.... através das batidas do nosso coração!!!**

Sabe quando parece que tudo está contra o que realmente desejamos?

Sabe quando as cores parecem não fazer parte dos nossos dias?

Sabe quando a luz do sol parece nos entristecer... de tão acinzentada que está nossa alma?

Sabe quando todos parecem apontar o dedo para a nossa direção...como se estivéssemos fazendo tudo errado, como se estivéssemos na direção oposta dos acertos?

Mas sabe também quando nada disto faz sentido...quando nada do que escutamos nos convence... e quando sentimos que estamos caminhando na direção correta...rumo a nosso maior sonho...à realização do nosso projeto de vida?

Quem foi que disse que o outro realmente sabe o que desejamos...e que tem o mapa da direção que necessitamos trilhar???

Quem foi que disse que o outro é que sabe o que realmente seja melhor, para chegarmos onde almejamos?

Que garantia alguém tem que desta ou daquela forma está mais ou menos correto, para que o sucesso ocorra em nossa trajetória?

Como podemos desistir do nosso sonho simplesmente por alguém achar que não vale a pena?

Por que devemos permitir que alguém nos julgue pela opção de trilha que fizemos?

Se o caminho será mais longo ou identificaremos atalhos.... se não estivermos prejudicando a vida de outros... só cabe á nós mesmos...seja lá qual for a opção que fizermos... Então...

ACREDITE!!!! Porque quando acreditamos em nossos sonhos... e onde eles podem nos levar, nada mais e nem ninguém poderá nos deter.... ...a não ser você mesmo!!!

É difícil...solitário, desgastante....????

Mas é o preço que se paga, para obter a conquista... para se chegar onde realmente se almeja...

Por que para uns é mais fácil... e para outros tantas pedras...tantos obstáculos?

Esta resposta não tenho... e se você a tiver... por favor, partilhe comigo com os muitos que conheço buscá-la... Então.... só me resta concluir: NÃO DESISTA.... PERSISTA ... ACREDITE....E CONCRETIZE!!!!

Tem coisas nesta vida... que só são importantes para nós... que ficam registradas em nossas memórias.... mesmo que outros as tenham vivenciado no mesmo instante vivido!!! Tem coisas nesta vida... que só fazem sentido para nós mesmos...

Então.... ACREDITE em você!!!!

ACREDITE em seu potencial...

ACREDITE que vale a pena... e PERMITA-SE SER... o que você realmente é em essência...

O que você realmente acredita valer a pena para sua trajetória...

E não permita JAMAIS que alguém diga: VOCÊ NÃO VAI

CONSEGUIR!!!!

Afinal... se você realmente desejar com o seu coração... VOCÊ

PODE TUDO....ABSOLUTAMENTE TUDO!!!!!!

SÓ DEPENDE DE VOCÊ!!!!!!

***...é***  
***V.I.D.A.***  
***que***  
***segue...***

E então, após todas as partilhas e divagações pessoais, feitas nas páginas anteriores, talvez eu esteja mais apta a lhe responder: **"Por onde o amor pode nos levar?!?"**

Não é porque receba o título de amor, que tudo o que o envolva seja um "conto de fadas"... Afinal, nada nesta vida, ou talvez, muito pouco, seja semelhante a um conto de fadas!!!

Todos nós idealizamos o amor; todos nós queremos que ele faça parte dos nossos dias, de forma irrestrita e ilimitada.

Tem até uma música, interpretada pela Zizi Possi, que diz assim:

*"Muito pra mim é nada, tudo pra mim não basta.*

*Eu quero cada gesto, cada palavra,*

*cada minuto da sua atenção...."*

Passamos tanto tempo idealizando o amor, que quando ele chega em nossas vidas, se não estivermos prontos para recebê-lo, se nossas emoções não estiverem equilibradas, o sufocamos tanto que ele poderá até mesmo, escorrer pelos vãos dos dedos de nossas mãos!!!

Amar alguém, seja lá em que tipo de relacionamento for é, acima de tudo, respeitar os sentimentos alheios e não abandonar esta pessoa, jamais, em detrimento de quem quer que seja. Só assim este amor, sobreviverá e conseguirá se fortalecer para quaisquer adversidades que a vida possa nos trazer!!

E acima de tudo, fortalecer a confiança: sempre é melhor a pior verdade, do que a menor mentira!!!

E por tudo isso, o que passei em todos estes anos, e tentando administrar até hoje, eu deixo aqui uma sugestão:

Seja lá em que fase da vida você se encontrar, jamais deixe de acreditar em você, na sua capacidade intelectual, em seus valores individuais...

E mais: não atribua quaisquer responsabilidades de fracasso ou de perdas às outras pessoas; tudo depende só de você!!!

A partir do momento em que nos tornamos adultos, ninguém mais é o responsável pelo que quer que tenha acontecido em nossa trajetória; somos os protagonistas da nossa vida!!!!

Podemos residir com nossos pais, com um companheiro, podemos ter filhos, etc...mas no momento que tivermos que tomar uma decisão, a responsabilidade está em nossas mãos!!!

Livre arbítrio, se lembra disso?!?

E até mesmo em relação ao amor: seja lá quem estiver ao nosso lado, cabe à cada um de nós, nos respeitarmos, nos priorizarmos e não delegar a conquista da felicidade, a quem quer que seja!!!

Por isso nascemos indivíduos, unos, ímpares...

E o nosso maior objetivo sempre permeará o campo de nos superarmos, dia após dia, e de preferência, fazermos a diferença na vida de quem quer que passe pelo nosso caminho...

Só assim realmente valerá a pena!!

Que todos nós possamos ter uma vida saudável, principalmente, em nossas emoções, para que o corpo físico não adoça e assim, possamos seguir rumo à longevidade, com qualidade de vida, lucidez e muitos exemplos a partilhar com as gerações subsequentes à nossa!!!

*"Por onde o amor, pode nos levar?!?"*

*Só depende de quem amar!!!!*

*Eu espero que o amor me leve ...e te leve....LEVE!!!*

*Que não seja BREVE...*

*E que sempre nos ELEVE....."*

Gratidão pela oportunidade desta partilha...

Lindos dias de V.I.D.A. para todos nós...

E um enorme beijo em cada coração pulsante!!!

*Élide Soul*

## **Pais do coração....**

Não adotem para satisfazer os anseios da família ou da sociedade, nem para simplesmente ter um troféu que possa ser exibido, quando ele (a) conquistar seus próprios méritos. Filhos, independente de terem sido gerados pela barriga ou pelo coração, necessitam sentir-se amados, valorizados e muito mais, precisam ter a percepção deste amor e que eles realmente valem à pena na vida dos pais.

Que não são um fardo, que não atrapalham e sim, que complementam a vida do casal, independente do que quer que aconteça.

Não criem expectativas por ser ou não ser um filho biológico; simplesmente vivam como se ele(a) tivesse sido gerado pelo amor de vocês e pela real necessidade de continuidade que todo ser humano sente.

Infelizmente isso nem sempre acontece... e, quando acontece, pode ser só de forma muito superficial, a ponto de gerar adultos com o sentimento de rejeição muito presente em suas vidas. Sem falar do medo de serem abandonados, dificultando muitos relacionamentos familiares e até mesmo, profissionais. O ato de optar pela adoção, antes de mais nada, é um ato de amor incondicional, de pessoas que anseiam pela partilha do amor ao próximo e à sua própria continuidade existencial.

Um passo muito especial e acima de tudo, extremamente nobre.  
Meu eterno respeito e carinho aos filhos do coração e aos pais  
destes filhos; uma gestação de escolha, de entrega e inclusão,  
permeada pelo mais nobre sentimento: o amor!!!!

**Mãe...**eterna gratidão por absolutamente tudo o que você fez por mim, independente de qual tenha sido a minha real história....de onde eu vim...como eu cheguei até você!!!

E meu mais profundo pedido de perdão, por ter sido tão difícil, após a descoberta de não ser sua filha biológica, compreender que há muitas formas de amar; principalmente quando o maior desejo é não perder quem verdadeiramente amamos!!!

Não foi nada fácil manter-me enrijecida no que não sabia administrar e, em quase todos os nossos dias, não me permitir receber os carinhos e cuidados seus; me permitir ser sua filha e não disputar, o lugar de "mulher adulta" com você! Não foi nada fácil alimentar, durante tantos anos, a falta de confiança na mulher que eu aprendi a amar, desde tão pequena...que até minha adolescência, era meu porto seguro! Mãe....que lacuna é essa que a sua partida deixou?!? A saudade é imensa e a vontade de, simplesmente ouvir a sua voz, nem que seja por telefone, é maior ainda...já que nos últimos anos, nos dávamos muito melhor na distância, falando ao telefone. Aprendi demais com você: meu caráter foi delineado pelo seu caráter ímpar....e hoje sei que, este meu jeito, como muitos me descrevem, "De bem com a V.I.D.A.", só pode ter sido herdado de você....que jamais deixava de sorrir, independente das adversidades apresentadas..Te amei muito e te amarei, eternamente...  
Desculpe minha limitação e sempre, gratidão por tudo!!!